A natureza e a graça

Santo Agostinho

Santo Agostinho

A Natureza e a Graça

Tradução: Souza Campos, E. L. de

TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

A natureza e a graça

Santo Agostinho

Dois rapazes nobres e cultos, ex-pelagianos convertidos pelo bispo de Hipona, tinham lhe enviado uma obra de Pelágio em forma de diálogo, onde a graça era sacrificada em prol da natureza.

Agostinho logo começou a refutação a esse livro. Ele estabelece que a justiça de Deus não consiste dos mandamentos, mas do socorro da graça de Jesus Cristo. A natureza humana foi criada sã e pura, mas, desde a rebelião primitiva, ela precisa do socorro do médico.

O socorro de Jesus Cristo, sem o qual não há salvação, não é a retribuição do mérito, mas uma concessão gratuita e, por isso, é chamado de graça.

Como todos pecaram, o conjunto do gênero humano pôde ser condenado sem injustiça da parte de Deus.

Introdução[1]

Chegou-me às mãos um livro de Pelágio, onde ele defende, com todos os argumentos que ele pôde encontrar, a natureza humana, contra a graça de Deus que justifica os ímpios e nos faz cristãos.

---

[1] Das *Revisões*. Livro II, cap. XLII.

Assim, o livro no qual eu o respondi, defendendo a graça, não como contrária à natureza, mas como libertadora e governadora dessa natureza, eu intitulei **A natureza e a graça**.

Nesse livro eu defendi, como sendo realmente de São Xisto, bispo de Roma e mártir, palavras que Pelágio atribuía a ele. Eu acreditei nele, mas, soube mais tarde que essas palavras não eram de Xisto, o cristão, mas de Sextus, o filósofo.

Esse livro começa assim: *Queridos filhos Timásio e Tiago, o livro que vocês me enviaram, fazendo uma trégua em meus trabalhos, eu li rapidamente, é verdade, mas com toda atenção*.

Dirigido a Timásio e Tiago

Capítulo 01

A justiça humana e a justiça divina.

Queridos filhos Timásio e Tiago, o livro que vocês me enviaram, fazendo uma trégua em meus trabalhos, eu li rapidamente, é verdade, mas com toda atenção.

O autor desse livro me pareceu inflamado por um zelo ardente contra aqueles que, invés de tornar a vontade humana responsável pelos pecados que ela comete, acusam a própria natureza humana e querem encontrar nessa natureza uma desculpa para todos os seus erros.

Ele se ergue energicamente contra a doutrina que escritores, até mesmo pagãos, condenaram severamente, quando eles disseram: "É erradamente que o gênero humano se queixa de sua natureza"[2].

Por outro lado, para tornar sua tese mais fácil, ele cobriu com todos os exageros possíveis a tese de seus adversários.

No entanto, temo muito que toda sua verborragia se volte em favor daqueles que *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[3].

---

[2] Salústio. *Prólogo da guerra de Jugurtjha*.
[3] Romanos 10: 3.

Após estas palavras, o Apóstolo nos diz que justiça é essa que ele menciona: *Cristo é o objetivo da Lei, para justificar todo aquele que crê*[4].

Portanto, essa justiça não consiste no preceito da Lei, que é capaz apenas de incutir o medo, mas na ajuda da graça de Jesus Cristo, para a qual deve nos conduzir o medo inspirado pela Lei e, esta é a única utilidade que ela pode nos propiciar[5].

É nisso que repousa a justiça de Deus e é do que é preciso se convencer, se há o interesse em saber por que se é cristão, pois, *se a justiça se obtém pela Lei, Cristo morreu em vão*[6].

Mas, se não foi em vão que Jesus Cristo morreu, o pecador só pode encontrar a justificação *naquele que justifica o ímpio*, de tal sorte que *a sua fé lhe é imputada em conta de justiça*[7]. Pois, *todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados gratuitamente por sua graça. Esta é a obra da redenção, realizada em Jesus Cristo*[8].

Todos aqueles então que não acreditam ser daquelas pessoas que pecaram e que precisam da glória de Deus, não podem saber por qual motivo são obrigados a ser cristãos, pois aqueles que estão saudáveis não precisam de médico. Esta necessidade só existe para a-

---

[4] Romanos 10: 4.
[5] Gálatas 3: 22. *A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem*.
[6] Gálatas 2: 21.
[7] Romanos 4: 5.
[8] Romanos 3: 23 e 24.

queles que estão doentes. Foi por isso que Jesus Cristo não veio chamar os justos, mas sim os pecadores.[9]

Capítulo 02

Se é possível ser justo sem a fé em Jesus Cristo, essa fé não é, de forma alguma, necessária à salvação.

Se a natureza humana, saída da carne do primeiro prevaricador, pode se bastar para cumprir a Lei e atingir a perfeição da justificação, ela deve estar inteiramente segura da recompensa, ou seja, da vida eterna, mesmo que, em uma determinada época ou em uma determinada nação, ela tenha sido privada de qualquer fé na redenção futura do Messias.

De fato, Deus é essencialmente justo e ele não poderia privar os justos da recompensa da justificação, se não lhes foi dado nenhum conhecimento sobre o mistério do Verbo[10].

Como eles acreditariam, se não ouviram falar? E como eles poderiam ouvir falar, se ninguém lhes pregou? Como está escrito: *Como invocarão aquele em quem não têm fé? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão falar, se não houver*

---

[9] Mateus 9: 12 e 13. *"Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide e aprendei o que significam estas palavras: 'Eu quero a misericórdia e não o sacrifício'. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores".*

[10] Cf. Timóteo 3: 16. *Sim, é tão sublime - unanimemente o proclamamos - o mistério da bondade divina, manifestado na carne, justificado no Espírito, visto pelos anjos, anunciado aos povos, acreditado no mundo, exaltado na glória!*

quem pregue? Logo, a fé provém da pregação e a pregação se exerce em razão da palavra de Cristo[11].

Mas, é mesmo verdade que não ouviram? *Por toda a terra se espalha o seu ruído e até os confins do mundo a sua voz*[12].

No entanto, esperando que esse prodígio se realize, esperando que a pregação do Evangelho chegue até os confins do mundo, é preciso se perguntar, se há nações, por menor que seja seu número, que não ouviram nenhuma pregação, o que se tornará ou se tornou a natureza humana em um estado de coisas assim?

Você diria que, sem a fé no Deus onipotente, que criou o céu e a terra e por quem ela sente que foi feita, ela levará uma vida santa, com um cumprimento perfeito da vontade de Deus, sem ter nenhuma noção da fé na paixão e na ressurreição de Jesus Cristo?

Diante disso, eu só tenho que lhe dar a resposta que deu o Apóstolo àqueles que associavam a justificação à Lei: *Se a justiça se obtém pela Lei, Cristo morreu em vão*[13].

Se o Apóstolo falava da Lei dada por Deus somente à nação judaica, com muito mais razão ele não poderia dizer da lei da natureza gravada no coração do gênero humano inteiro?

Se a natureza opera a justificação, então não foi inutilmente que Jesus Cristo morreu?

---

[11] Romanos 10: 14 e 17.
[12] Salmo 18: 5.
[13] Gálatas 2: 21.

Mas, se não foi inutilmente que Jesus Cristo morreu, ninguém pode atingir a justificação, nem se livrar da justa vingança do Altíssimo, sem a fé e o sacramento do sangue de Jesus Cristo.

Capítulo 03

A natureza, criada na inocência, foi depois manchada pelo pecado.

O ser humano foi criado sem mácula ou defeito. Mas, Adão se tornou culpado e toda sua posteridade precisou ser curada, por que ela não é mais saudável.

Apesar de sua queda, ainda lhe restam bens que fazem parte de sua constituição, de sua vida, de sua inteligência e esses bens ele os recebeu da mão de seu Criador.

O vício permaneceu, mergulhando nas trevas e enfraquecendo esses bens naturais e tornando necessárias a difusão da luz e a aplicação do remédio. Mas, esse vício não é obra de Deus, pois esse vício da parte de Adão foi o resultado do desregramento de seu livre arbítrio e da parte dos seres humanos, ele é a consequência do pecado original. Por consequência, nossa natureza viciada tem direito a um castigo legítimo.

Sem dúvida que nos tornamos uma nova criatura em Jesus Cristo, mas, *éramos como os outros, por natureza, verdadeiros filhos da ira divina. Mas Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado*

pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em consequência de nossos pecados, deu-nos a vida juntamente com Cristo, pela graça de quem fomos salvos![14]

Capítulo 04

A graça gratuita.

Ora, essa graça de Jesus Cristo, sem a qual nem as crianças e nem os adultos podem ser salvos, não nos é dada em razão de nossos méritos, mas de uma maneira absolutamente gratuita. Daí vem seu nome: *graça*.

Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados gratuitamente por sua graça. Esta é a obra da redenção, realizada em Jesus Cristo[15], diz o Apóstolo.

Daí se segue que, aqueles que não foram libertados por essa graça, seja por que não puderam ouvir falar dela, seja por que não quiseram obedecer, seja por que sua idade não lhes permite compreender, seja, enfim, por que não receberam o sacramento da regeneração que poderia tê-los salvado, todos estes, repito, estão privados da felicidade do céu e essa condenação é apenas justiça, pois eles não são sem pecado, tanto o pecado original quanto os pecados atuais, já que *todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus.*

[14] Efésios 2: 3-5.
[15] Romanos 3: 24.

Capítulo 05

A justiça exigiu a condenação de todo o gênero humano.

Assim, por causa de sua origem, todos os seres humanos estão submetidos ao castigo e mesmo que todos sofressem, na realidade, o suplício da condenação, isto seria apenas rigorosa justiça.

É por isso que aqueles que são libertados pela graça não são chamados de vasos de seus próprios méritos, mas de vasos de misericórdia[16].

E que misericórdia é essa, se não é a Daquele que enviou Jesus Cristo para este mundo, para salvar os pecadores[17], ou seja, aqueles que ele conheceu com sua presciência, que predestinou, que chamou, que justificou e que glorificou[18]?

Não é então o cúmulo da tolice não prestar inefáveis ações de graça à misericórdia Daquele que liberta aqueles que ele quer, quando se sabe que a justiça autorizou perfeitamente o Senhor a reprovar todos sem nenhuma distinção?

---

[16] Cf. Romanos 9: 23.

[17] Cf. 1 Timóteo 1: 15. *Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro*.

[18] Cf. Romanos 8: 29 e 30. *Os que ele distinguiu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre uma multidão de irmãos. E aos que predestinou, também os chamou e aos que chamou, também os justificou e aos que justificou, também os glorificou*.

Capítulo 06

As ousadias dos pelagianos.

Se apreendermos o sentido destas passagens das Escrituras, não teremos nenhuma necessidade de intentar contra a graça cristã e recorrer a todo tipo de argumento para mostrar que a natureza humana, nas crianças, não precisa ser curada, por que ela é sã e que essa mesma natureza, nos adultos, pode se bastar, se ela quiser, para chegar à justificação.

Para estabelecer demonstrações deste tipo, os pelagianos possuem um discurso hábil e elegante, mas toda sua sabedoria não passa de palavras para desvirtuar a cruz de Jesus Cristo[19]. E *esta não é a sabedoria que vem do alto, mas é uma sabedoria terrena, humana, diabólica*[20].

Não quero segui-los na ousadia de sua invenção, pois temo parecer injuriar nossos amigos. Amigos pelos quais só tenho um desejo, que é o de ver sua inteligência, tão pronta quanto perspicaz, seguir o caminho reto que conduz à verdade.

---

[19] Cf. 1 Coríntios 1: 17. *Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho e isso sem recorrer à habilidade da arte oratória, para que não se desvirtue a cruz de Cristo*.
[20] Tiago 3: 15.

Capítulo 07

Distinção pelagiana entre o ser e o possível.

Ao folhear o livro que vocês me enviaram, fiquei admirado com o ardor empregado por seu autor contra aqueles que, para justificar suas faltas pessoais, as atribuem à fraqueza humana. O mesmo ardor deve ser empregado em nosso esforço para impedir o desvirtuamento da cruz de Jesus Cristo!

Ora, é um desvirtuamento pretender que, sem a ajuda do sacramento de Jesus Cristo, podemos chegar à justificação e à vida eterna. No entanto, este é o objetivo que persegue nosso autor. Não ouso dizer que consciente e voluntariamente, pois então ele deixaria de ser cristão, em minha opinião, mas que ele persegue sem saber, eu prefiro acreditar assim e com esforços verdadeiramente sem precedentes. Por que seus esforços não são os de um homem sábio, invés de ser os de um desequilibrado?

Capítulo 08

A possibilidade do ser humano sem pecado.

Ele tenta primeiramente estabelecer a distinção, admitida por todos como princípio, entre o que é possível e o que existe.

É de toda evidência que o que existe é, por isso mesmo, possível, enquanto que o que é possível pode muito bem não existir.

De fato, já que o Salvador ressuscitou Lázaro[21], está claro que ele pôde ressuscitá-lo. Mas, como ele não ressuscitou Judas, segue-se que ele não podia ressuscitá-lo?

Ele podia, mas não quis fazê-lo. Se quisesse, essa ressurreição teria acontecido em virtude do mesmo poder que tinha ressuscitado Lázaro, pois, *o Filho dá vida a quem ele quer*[22].

Mas, observe a que consequência o autor quer nos levar com essa distinção fundamental. Ele diz: "Tratamos unicamente da possibilidade e, sobre este tema, só se pode estabelecer o que é certo, pois todo exagero poderia levar a muito graves conclusões".

Depois, entrando em desenvolvimentos intermináveis, ele repete João sob mil formas diversas, para provar que ele só se ocupa com a possibilidade de não pecar.

Entre outras coisas, eis o que ele escreve: "Sem medo de me repetir, eu digo que o ser humano pode existir sem pecado. O que você diz? Que o ser humano não pode existir sem pecado? Eu não digo que o ser humano é sem pecado e você não diz também que o ser humano é sem pecado. Discutimos sobre a possibilidade e a impossibilidade e não sobre a realidade e a não realidade".

Recordando algumas citações sagradas que se tem o costume de apresentar contra ele, ele sustenta que elas não têm relação com a questão de saber se o ser humano pode ou não existir sem pecado.

---

[21] Cf. João 11: 43 e 44.
[22] João 5: 21.

"Ninguém está livre de qualquer mácula". *Não há ser humano que não peque*[23]. *Não há ninguém justo sobre a terra que faça o bem sem jamais pecar*[24]. *Não há um só que faça o bem*[25].

Ele diz: "Ora, todas estas passagens se aplicam ao fato e não à possibilidade. De fato, nelas vemos o que foram certas pessoas, em uma certa época e não o que elas poderiam ser. Assim, elas são vistas corretamente como culpadas. Suponhamos que elas só poderiam ser o que elas foram, como poderiam ser culpadas?"

Capítulo 09

Aqueles que não puderam ser justificados são igualmente condenados.

Pondere bem suas palavras. Eu imagino uma criança que nasceu em um lugar onde não pôde receber o batismo de Jesus Cristo. Ela morre nesse estado, ou seja, privada do sacramento da regeneração, por que não pôde recebê-lo. Nosso autor a absolverá e lhe abrirá o reino dos céus, contra a sentença manifesta do Salvador?[26]

Pelo menos é evidente que o Apóstolo não a absolveria, pois ele clama: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pe-*

[23] 1 Reis 8: 46.
[24] Eclesiastes 7: 20.
[25] Salmo 13: 1.
[26] Cf. João 3: 3. *"Em verdade, em verdade te digo: quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus"*.

cado, a morte, assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que todos pecaram[27].

Assim então, em virtude dessa sentença, que se aplica a toda humanidade, essa criança não poderia ser admitida no reino dos céus, embora houvesse para ela uma verdadeira impossibilidade de se tornar cristã.

Capítulo 10

Quem não ouviu o nome de Jesus Cristo não pode ser justificado.

Os pelagianos respondem: "Mas, essa pessoa não está condenada, pois, se é dito que todos pecaram em Adão, trata-se de uma simples imitação e não de uma mácula real contraída pelo pecado original".

Se então, se sustenta que Adão é o autor dos pecados cometidos por sua posteridade, por que ele foi, de todos os humanos, o primeiro pecador, por que não dizer de Abel, mais do que de Cristo, que ele é o líder de todos os justos, já que ele foi, de todos os humanos, o primeiro justo?

Observe que não é mais de uma criança que eu falo. Eu suponho um rapaz ou um idoso, em um lugar onde eles não puderam ouvir falar de Jesus Cristo; eu pergunto se eles podem ser justificados

[27] Romanos 5: 12.

pela natureza ou pelo livre arbítrio. Se eles responderem que é possível a justificação, eu pergunto se é possível, sem desvirtuar a cruz de Jesus Cristo, sustentar que tal pessoa pode ser justificada pela lei natural e por seu livre arbítrio.

Se for assim, só nos resta dizer: *Cristo morreu em vão*, pois a justificação possível a uma pessoa era possível igualmente para todos, mesmo que Jesus Cristo não tivesse morrido e, se eram injustos, o eram por sua própria vontade e não pela impossibilidade de alcançar a justiça por eles mesmos.

Ora, é certo que ninguém pode ser justificado sem a graça de Jesus Cristo. Mas Pelágio leva sua audácia até o ponto de absolver este e aquele pecador, dizendo: "Já que ele é apenas o que é e não pode ser diferente, por isso mesmo ele é isento de qualquer culpa".

Capítulo 11

Admissão velada da graça por parte de Pelágio.

O autor se dirige a ele mesmo, como se viesse de um interlocutor a seguinte objeção: "O ser humano pode existir sem pecado, mas com a graça de Deus".

Depois, em forma de resposta, ele acrescenta: "Felicito sua humildade, por ter mudado de opinião, pois, há pouco você atacou minha afirmação e agora, não se contentando em não combatê-la, você a adota e não se recusa em experimentá-la. De fato, dizer que o

ser humano pode, mas por este ou aquele meio, não é admitir que ele tem esse poder e mostrar a fonte e a extensão desse poder? O melhor meio de provar a possibilidade de uma coisa não é formular as condições ou as qualidades dessa possibilidade? Pois, qualidades devem, necessariamente, ter um objeto".

Ele se coloca, em seguida, uma nova objeção: "Mas, você me pareceu, nesta passagem, rejeitar a graça de Deus, já que não fez nenhuma menção a ela".

Ele responde: "Posso então rejeitar uma coisa que admito, que me é necessário admitir e que, exclusivamente torna possível a coisa que discuto? Você, pelo contrário, que nega essa coisa, não nega, com isso, o que lhe dá toda realidade?"

Nosso autor se esquece de que responde a um interlocutor que não nega e que formulou assim a objeção: "O ser humano pode existir sem pecado, mas com a graça de Deus".

No momento em que essa possibilidade não é negada por seu adversário, por que inventar isso para se afirmar?

No entanto, não se poderia duvidar de que seu interlocutor abandona essa possibilidade, após tê-la admitido completamente. Esta foi uma oportunidade, mais ou menos direta, de atacar aqueles que defendem que o ser humano não pode existir sem pecado.

Mas, que nos importa? Que ele ataque quem quiser, contanto que admita o que não poderia negar sem uma impiedade manifesta.

A saber, que o ser humano, sem a graça, não pode existir isento de pecado.

Então ele diz: “Que seja então pela graça, por uma ajuda ou por misericórdia, que o ser humano pode existir sem pecado. Basta, para minha tese, que se admita essa possibilidade”.

Capítulo 12

A graça de que falamos, não é uma graça da criação, mas uma graça da redenção.

Confesso, amigos, que ao ler estas palavras, eu imediatamente fui tomado pela alegria, ao ver que ele não negava a graça pela qual exclusivamente o ser humano pode ser justificado, pois, em todos os nossos debates, o ponto que me indigna e revolta é sobretudo essa negação.

No entanto, ao continuar minha leitura, algumas comparações só serviram para levantar dúvidas em minha mente.

Eis o que ele diz: “Se eu digo que o ser humano pode discutir, o pássaro voar, a lebre correr, sem indicar os meios pelos quais essas ações acontecem, ou seja, a língua, as asas, os pés, então eu neguei as propriedades dessas funções, já que admiti os próprios atos?”

O autor deve observar que todos estes exemplos são tirados da ordem natural. De fato, o que há de mais natural do que a língua, as asas, os pés?

Ao contrário, ele mantém um profundo silêncio sobre as coisas da ordem puramente sobrenatural, como é o caso da graça que estamos debatendo e sem a qual o ser humano não consegue ser justificado. Estamos tratando não de criar a natureza humana, mas de curá-la.

Sob o impacto dessas infelizes impressões, continuei minha leitura e fiquei prontamente convencido de que minhas suspeitas não eram infundadas.

Capítulo 13

Qual é o objetivo das ameaças feitas pela Lei?

Antes de tudo, escute o que ele diz. Tratando da diferença entre os pecados, ele apresenta a ele mesmo a seguinte objeção, aliás, bem comum: "Os pecados leves, visto seu grande número e as numerosas ocasiões em que se apresentam, não podem ser evitados".

Ele sustenta que "esses pecados não são merecedores de nenhum castigo, mesmo os mais leves, se não podem ser evitados". Ele não leva em conta as escrituras do Novo Testamento, nas quais aprendemos que o objetivo de toda a Lei proibitiva é nos fazer recorrer à graça e à misericórdia divina, em razão mesma dos perigos que corremos e das faltas que cometemos.

Ele age como um pedagogo que começa por exigir a fé no que só será revelado mais tarde. Sejamos fiéis e a graça nos concederá o

perdão das faltas cometidas e nos ajudará poderosamente a não mais cometê-las.

O caminho é feito para os viajantes, embora só sejam considerados viajantes perfeitos aqueles que tendem eficazmente para o objetivo. Ora, à soberana perfeição nada poderia ser acrescentado e nós começamos a possuí-la quando tomamos o caminho que nos conduz a ela.

Capítulo 14

A reputação da doutrina de Pelágio.

Quanto à questão que lhe é colocada: "Você mesmo, você é sem pecado?"; convenhamos primeiro que ela é estranha à questão que nos ocupa.

Mas, quando o autor acrescenta: "Se você não é sem pecado, atribua isso à sua negligência", ele tem perfeitamente razão, contanto que ele conclua disso que deve pedir a Deus para não torná-lo escravo dessa culposa negligência.

Esta é a prece que o Salmista formulou com estas palavras: *Dirija meus passos segundo a vossa palavra, para que jamais o pecado reine sobre mim*[28].

[28] Salmo 118: 133.

Isto prova que ele não contava com sua própria diligência e nem com suas próprias forças para chegar à perfeição que ele desejava e esperava.

Capítulo 15

Nem tudo foi escrito.

Ele supõe outra objeção da parte de seus leitores: "Não está escrito em nenhum lugar que o ser humano pode existir sem pecado". Ele a refuta facilmente ao responder: "não se trata de saber em que termos uma máxima é enunciada".

No entanto, não é sem razão que as Escrituras __ que nos falam diversas vezes de pessoas encontradas irreprováveis __ não falam em lugar algum de uma só pessoa sem pecado, a não ser daquele que se aplica manifestamente este oráculo: *Aquele que não conheceu o pecado*[29].

Em outra passagem, falando dos sacerdotes, o Apóstolo nos diz de Jesus Cristo: *Passou pelas mesmas provações que nós, com exceção do pecado*[30]. Ele falava do que o Salvador tinha experimentado em sua carne, que tinha a semelhança da carne do pecado, embora não fosse uma carne de pecado.

Ora, uma semelhança assim não supõe que qualquer outra carne é uma carne de pecado?

[29] 2 Coríntios 5: 21.
[30] Hebreus 4: 15.

Resta saber que interpretação se deve dar a estas palavras: *Todo aquele que é nascido de Deus não peca, por que o germe divino reside nele e não pode pecar, por que nasceu de Deus*.[31]

São João, que escreveu estas palavras, não era nascido de Deus ou se dirigia a pessoas que não eram ainda nascidas de Deus, pois foi ele mesmo que escrevera antes: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[32].

Eu já dei, segundo minhas possibilidades, a explicação para estas palavras, nos livros que enviei, sobre este tema, a Marcelino[33].

Quanto às palavras: *não pode pecar*, eu não me oponho que sejam interpretadas como se fossem: "não deve pecar", pois, não seria uma tolice sustentar que se pode pecar, já que o próprio termo *pecado* significa alguma coisa que não deve ser feita?

Capítulo 16

Pelágio distorce o texto do apóstolo São Tiago.

Estas palavras do apóstolo São Tiago: *A língua, porém, nenhum homem a pode domar*[34], não me parece que devam ser interpretadas no sentido adotado por nosso autor, que quer ver nelas uma censura, como se tivesse dito: "Então, ninguém pode domar sua língua?"

---

[31] 1 João 3: 9.
[32] 1 João 1: 8.
[33] *O mérito, o perdão dos pecados e o batismo dos bebês*. Livro II, seções 8-10.
[34] Tiago 3: 8.

Então, teria o Apóstolo querido dizer: “Vocês podem domar os animais ferozes, mas não podem domar suas línguas?” Como se fosse mais fácil domar sua língua do que domar os animais ferozes. Eu não creio que este seja o sentido desta passagem.

De fato, se o Apóstolo tivesse desejado ressaltar a facilidade de domar a língua, essa ideia seria acompanhada da comparação com os animais ferozes.

Ora, lemos, na sequência: *É um mal irrequieto, cheia de veneno mortífero.* Esse veneno é mais perigoso do que o dos animais e das serpentes, pois este último só mata o corpo, enquanto que o outro mata a alma, de acordo com estas palavras: *A boca que acusa com injustiça arrasta a alma à morte*[35].

São Tiago não quis dizer, portanto, que é mais fácil domar a língua do que domar os animais ferozes. Ele afirma, pelo contrário, que o mal da língua é tão grande no ser humano que ela não pode ser domada por ninguém, enquanto que os seres humanos domam os animais ferozes.

Por outro lado, está longe de seu pensamento nos levar a concluir que podemos, com nossa negligência, nos tornar dóceis escravos desse mal. O que ele quer é que recorramos à graça divina para domar nossa língua.

[35] Sabedoria 1: 11.

De fato, ele não diz: "Ninguém pode domar sua língua", mas, *A língua, porém, nenhum homem a pode domar*, para nos fazer compreender que, se nossa língua é domada, é à graça, ao socorro e à misericórdia de Deus que devemos esse favor.

Que a alma se esforce então para domar sua língua e, ao fazer esse esforço, que ela implore o socorro divino, que ela rogue por sua língua para obter sua doma, pela graça Daquele que disse aos seus Apóstolos: *Não sereis vós que falareis, mas é o Espírito de vosso Pai que falará em vós*[36].

Assim então, o preceito nos adverte para fazermos o que não podemos com nossos esforços e nem com nossas forças, por que ele quer que imploremos o socorro de Deus.

Capítulo 17

Continua a explicação da passagem de São Tiago.

Após ter nos descrito vivamente o mal que faz a língua, após ter insistido com os irmãos que tais coisas não devem acontecer, o apóstolo São Tiago indica em seguida o socorro com o qual se poderá resistir ao mal que acaba de assinalar.

De uma mesma boca procede a bênção e a maldição. Não convém, meus irmãos, que seja assim. Quem dentre vós é sábio e inteligente? Mostre com um bom proceder as suas obras repassadas de

[36] Mateus 10: 20.

doçura e de sabedoria. Mas, se tendes no coração um ciúme amargo e gosto pelas contendas, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Esta não é a sabedoria que vem do alto, mas é uma sabedoria terrena, humana, diabólica. Onde houver ciúme e contenda, ali há também perturbação e toda espécie de vícios. A sabedoria, porém, que vem de cima, é primeiramente pura, depois pacífica, condescendente, conciliadora, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, nem fingimento.[37]

Esta é a sabedoria que doma a língua. A sabedoria que desce do céu e que não tem sua fonte no coração humano.

Quem então ousaria não atribuir essa sabedoria à graça de Deus e atribuí-la orgulhosamente ao poder humano? Se só depende do ser humano possuí-la, por que então ela é o primeiro objeto de nossas preces?

Devemos deixar de pedi-la, para não contrariar o livre arbítrio, que encontraria em suas forças naturais o meio de cumprir os preceitos da justiça?

Que se desminta então o apóstolo São Tiago, que nos clama a todos: *Se alguém de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus __ que a todos dá liberalmente, com simplicidade e sem recriminação __ e ser-lhe-á dada*[38]*. Mas peça-a com fé, sem nenhuma vacilação,*

[37] Tiago 3: 10 e 13-17.
[38] Tiago 1: 5.

por que a pessoa que vacila assemelha-se à onda do mar, levantada pelo vento e agitada de um lado para o outro[39].

Esta é a fé a qual nos impulsionam os preceitos. A Lei ordena, mas a fé obtém o que é ordenado.

Se *caímos em muitos pontos*[40], é por causa dessa língua que ninguém pode domar, a não ser com a sabedoria que desce do céu.

Aliás, esta última passagem, no pensamento do Apóstolo, é apenas a reprodução, sob outra forma, destas primeiras palavras: *A língua, nenhum homem a pode domar*.

Capítulo 18

A quem o Senhor dá a sabedoria?

Para provar a impossibilidade de não pecar, ninguém, sem dúvida, questionará estas palavras de São Paulo: *A sabedoria da carne é inimiga de Deus, pois a carne não se submete à Lei de Deus e nem o pode. Os que estão na carne não podem agradar a Deus*[41].

O Apóstolo fala da sabedoria da carne e não da sabedoria que nos vem do céu. Da mesma forma, ao falar das pessoas que estão na carne, ele não quer dizer aqueles que ainda não estão mortos, mas daqueles que vivem segundo a carne.

---

[39] Tiago 1: 6.
[40] Tiago 3: 2.
[41] Romanos 8: 7 e 8. *Sapientia carnis inimica est Deo : legi enim Dei non est subjecta, nec enim potest. Qui autem in carne sunt, Deo placere non possunt*.

Ora, tudo isso é estranho à questão que nos ocupa aqui, Eu gostaria de saber de nosso autor se as pessoas que vivem segundo o espírito e que, nesta condição, deixaram, até certo ponto, de viver na carne, precisaram da graça de Deus para viver assim, segundo o espírito, ou se elas se bastaram, em virtude do poder natural que elas receberam na criação e somente com sua própria vontade.

O que estimula tanto meu desejo bem legítimo, é que o *amor é o pleno cumprimento da Lei*[42] e *o amor de Deus foi derramado em nossos corações*, não por nós mesmos, mas *pelo Espírito Santo que nos foi dado*[43].

Capítulo 19

Os pecados da ignorância.

O autor trata igualmente dos pecados da ignorância e se expressa nestes termos: "O ser humano deve fazer de tudo para escapar da ignorância e o que constitui o crime da ignorância é que o ser humano, com sua negligência, ignora tudo o que deveria saber, caso se interessasse".

Segundo ele, o importante é discutir, mais do que rezar e dizer: *Dai-me a sabedoria para aprender os vossos mandamentos*[44].

[42] Romanos 13: 10.
[43] Romanos 5: 5.
[44] Salmo 118: 73.

Uma coisa é não se preocupar em saber se esses pecados da negligência parecem ser expiados por alguns sacrifícios da Lei. Outra coisa é querer compreender sem poder e conseguir e agir contra a Lei não compreendendo o que a Lei ordena.

Daí vem esta prescrição que nos é feita para pedir a sabedoria a Deus, *que a todos dá liberalmente* e especialmente a todos aqueles que adéquam a intensidade de suas preces à grandeza da graça que eles imploram.

Capítulo 20

Qual é a prece que Pelágio admite como necessária?

Ele admite, no entanto, "que se deve expiar divinamente os pecados cometidos e rezar para Deus com este objetivo", para obter o perdão, pois, ele diz: "quando um pecado é cometido, nada pode fazer com que ele seja apagado", nem mesmo "o poder da natureza e a vontade humana", os quais, no entanto, ele prodigaliza com grandes elogios. Por consequência, só resta pedir perdão.

Quanto a pedir que Deus nos ajude a afastar o pecado, nosso autor não fala nada; pelo menos que eu saiba. Um silêncio num tema assim não deixa de ser surpreendente, já que a Oração do Senhor nos faz pedir a Deus que condesceda nos perdoar os pecados cometidos e não nos deixar cair em tentação. Destes dois pedidos, um visa o passado e o outro o futuro.

Sem dúvida, para não sucumbir, é preciso a ajuda de nossa vontade, mas nossa vontade somente não basta. Daí nossa prece, que não é supérflua e nem cínica. De fato, não seria uma tolice pedir ajuda para fazer o que está em nosso poder fazer?

Capítulo 21

Pelágio nega a insanidade da natureza humana.

O que, sobretudo, deve nos interessar, são os esforços que tenta nosso autor para mostrar que a natureza humana conservou toda sua inocência original. Para isso ele se volta contra a sabedoria das palavras dos oráculos mais formais das Santas Escrituras e desvirtua a cruz de Jesus Cristo[45].

No entanto, essa cruz não será desvirtuada, enquanto que sua suposta sabedoria será completamente desmascarada. Esperemos, de fato, que, quando lhe tivermos provado seu erro, o Senhor, em sua infinita misericórdia, lhe conceda a graça de um arrependimento salutar.

Ele prossegue: "Primeiramente, devemos examinar se realmente, como alguns afirmam, a natureza foi debilitada e alterada pelo pecado. Para isso, devemos antes de tudo nos perguntar o que é o pecado. Ele é uma substância ou uma simples palavra sem substância, no sentido de que não é um ser, nem uma existência, nem um

[45] Cf. *Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho e isso sem recorrer à habilidade da arte oratória, para que não se desvirtue a cruz de Cristo.*

corpo qualquer, mas a simples denominação de um ato mau?" E ele acrescenta: "Creio que ele é assim e, sendo assim, como que algo que não tem substância pôde prejudicar ou alterar a natureza?"

Observe, por favor, como, em sua profunda ignorância, ele se esforça para desnaturar as expressões salutares dos oráculos divinos. *Quanto a mim, eu vos digo: "Piedade para mim, Senhor! Curai-me, por que pequei contra vós"*[46].

O que há então para curar, se nada foi ferido, nada está doente, nada está debilitado e nem viciado? Você ouviu a confissão do Salmista, por que chamá-lo à disputa?

Curai-me, ele pede. Pergunte-lhe de onde veio o mal que ele pede para ser curado. Ele lhe responderá: *Por que pequei*.

Que nosso autor o interrogue, que lhe coloque a questão que o preocupa e que lhe pergunte: "Ó você que clama: *Curai-me, por que pequei*, o que é então o pecado? Ele é uma substância ou uma palavra sem substância, no sentido de que não é um ser, nem uma existência, nem um corpo qualquer, mas a simples denominação de um ato mau?"

O escritor sagrado lhe responderá: "O que você diz é verdade. O pecado não é uma substância, ele é a denominação de um ato mau".

[46] Salmo 40: 5.

Mas ele insiste: “Por que então você clama: *Curai-me, por que pequei contra vós*? Como é que o que não tem substância pode viciar nossa alma?”

E o escritor sagrado, cheio de remorsos por sua ferida, não querendo que a conversa continue interrompendo sua prece, responde com segurança: “Afaste-se de mim, por favor. Vá, se puder, discutir com Aquele que disse: *Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores*”[47]. Ele não está comparando os justos com os que estão bem e os pecadores com os doentes?

Capítulo 22

Como o pecado, sem ser uma substância, pode viciar a natureza?

Você percebe então, para onde caminha esta discussão? É para tornar perfeitamente inúteis estas palavras: *Ela dará à luz um filho, a quem porá o nome de Jesus, por que ele salvará o seu povo de seus pecados*[48]. Salvar por quê, se não há doença? De fato, esses pecados, dos quais Jesus Cristo salvará seu povo, nas palavras do Evangelho, não são substâncias e, como tais, não poderiam, segundo nosso autor, viciar.

[47] Mateus 9: 12 e 13.
[48] Mateus 1: 21.

Ó irmão, é bom que você se lembre de que você é cristão! Talvez bastasse acreditar nessas coisas. Mas, como você resolveu polemizar __ o que não seria ruim e até mesmo seria útil, se precedentemente houvesse a fé firme __ não pensemos que o pecado não pode viciar a natureza humana. Mas, sabendo através das Divinas Escrituras, que nossa natureza é corrompida, pesquisemos antes como isso acontece.

Já sabemos que o pecado não é uma substância. Mas, não comer também não é uma substância. No entanto, o corpo, se for privado de alimento, se enfraquece, definha, se esgota de uma maneira tal, que a persistência de um estado assim o dificultaria retornar ao alimento cuja privação o danificou. É desta forma que o pecado não é uma substância.

Mas Deus é uma substância e uma substância soberana. E ele é o único alimento verdadeiro da criatura racional. Afastando-se dele pela desobediência e se recusando, por fraqueza, a tomar seu alimento onde deve, ouça o Salmista clamar: *Queimando como erva, meu coração murcha e até me esqueço de comer meu pão*[49].

[49] Salmo 101: 5.

Capítulo 23

Adão foi libertado pela misericórdia de Jesus Cristo.

Veja como, em seguida, por uma simples questão de verossimilhança, o autor ataca a verdade das Santas Escrituras.

Jesus, chamado de Salvador por que ele salva seu povo de seus pecados, nos dirige estas belas palavras: *Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores*".

Isto foi o que fez o Apóstolo dizer: *Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores*[50].

Ora, contra esta verdade certa e digna de ser recebida com inteira deferência, o pelagiano não teme protestar nestes termos: "Essa doença não é contraída pelo pecado, pois o castigo do pecado não poderia nos fazer cometer um número maior de pecados".

Para as próprias crianças, buscamos um médico que venha em seu socorro e o autor nos diz: "O que você procura? Aqueles para quem você chama um médico são de uma saúde perfeita. Até mesmo o primeiro ser humano não foi condenado à morte por causa do pecado, pois, em seguida, ele não pecou mais".

Não se poderia dizer que um anjo veio lhe revelar o grau de justificação do primeiro ser humano e que não lhe bastou saber, atra-

[50] 1 Timóteo 1: 15.

vés da Igreja, que Adão foi libertado pela misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Ele diz: “Seus descendentes não apenas não são mais fracos do que ele, mas também os vemos cumprirem um número grande de preceitos, enquanto que ele negligenciou cumprir o único preceito que lhe foi imposto”.

Ora, ele vê nascer a posteridade de Adão em condições totalmente diferentes daquelas que acompanharam a criação do primeiro ser humano. Não apenas somos incapazes de receber qualquer preceito, já que nossos sentidos estão absolutamente entorpecidos, como também com dificuldade absorvemos o alimento, quando a fome aperta. E quando lembramos que Aquele que salva seu povo de seus pecados, chama seus pequeninos para receberem a salvação no seio da Igreja nossa mãe[51], os pelagianos protestam e, como se eles conhecessem melhor os filhos do que Aquele que os criou, eles comprovam sua inocência perfeita com um linguajar que é tudo, menos inocente.

[51] Cf. Mateus 1: 21. *Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados.*

Capítulo 24

O pecado e o castigo pelo pecado são uma mesma coisa.

Nosso autor sustenta que a punição do pecado se torna a matéria do pecado, se o pecador, enfraquecido por seu pecado, se vê arrastado para faltas ainda mais numerosas.

Ele não percebe que, para o prevaricador da Lei, a luz da verdade vai sempre e deve ir sempre se enfraquecendo e logo ele chega à cegueira. Daí vem que, enfraquecendo, ele cai; caindo ele se fere; sob o peso de seus ferimentos, ele não pode mais levantar e então ele só ouve a voz da Lei, que o adverte para implorar a graça do Salvador.

Não sofrem nenhum castigo, aqueles mencionados pelo Apóstolo: *Conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos e se lhes obscureceu o coração insensato*[52]?

Essa cegueira é uma vingança e um castigo e, no entanto, é uma consequência do castigo, ou seja, dessa cegueira do coração, resultado do desaparecimento da luz da sabedoria e a queda em pecados ainda mais numerosos e graves.

Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos[53]. Por pouco que se compreenda, esse castigo é terrível.

---

[52] Romanos 1: 21.
[53] Romanos 1: 22.

Assim, veja as consequências: *Mudaram a majestade de Deus incorruptível em representações e figuras de homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis*[54].

Este é o resultado do castigo pelo pecado, pois *se lhes obscureceu o coração insensato*.

E, por que seus pecados são apenas o castigo pelo pecado, o Apóstolo acrescenta: *Por isso, Deus os entregou aos desejos dos seus corações, à imundície*[55].

Eram possíveis castigos mais graves ainda? Veja a sequência: *de modo que desonraram entre eles os próprios corpos*[56].

Querendo nos mostrar melhor que essa iniquidade era apenas o castigo pela iniquidade, ele acrescenta: *Trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em vez do Criador, que é bendito pelos séculos. Amém! Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas*[57].

Esta foi a vingança de Deus e eles logo se jogaram em pecados ainda mais numerosos e mais graves: *As suas mulheres mudaram as relações naturais em relações contra a natureza. Do mesmo modo, também os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam em*

[54] Romanos 1: 23.
[55] Romanos 1: 24.
[56] Romanos 1: 24.
[57] Romanos 1: 25 e 26.

desejos uns para com os outros, cometendo homens com homens a torpeza[58].

Por fim, querendo mostrar que esses pecados eram apenas o castigo pelos outros pecados, o Apóstolo acrescenta: *recebendo em seus corpos a paga devida ao seu desvario*[59].

Ora, veja quantas vezes essa vingança se repete e o quanto ela é pródiga em gerar iniquidade: *Como não se preocupassem em adquirir o conhecimento de Deus, Deus entregou-os aos sentimentos depravados e daí o seu procedimento indigno. São repletos de toda espécie de malícia, perversidade, cobiça, maldade. Cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade. São difamadores, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, soberbos, altivos, inventores de maldades, rebeldes contra os pais. São insensatos, desleais, sem coração, sem misericórdia. Apesar de conhecerem o justo decreto de Deus que considera dignos de morte aqueles que fazem tais coisas, não somente as praticam, como também aplaudem os que as cometem*[60].

Diante disto, que nosso autor insista em clamar: "Não pode ser que, como castigo pelo pecado, o pecado se veja arrastado para outros pecados".

---

[58] Romanos 1: 26 e 27.
[59] Romanos 1: 27.
[60] Romanos 1: 28-32.

Capítulo 25

Deus só abandona aqueles que merecem ser abandonados. Nós somos suficientes para pecar.

Talvez nosso autor argumente que não é Deus quem leva os pecadores a esses crimes e que lhe basta abandonar aqueles que são dignos de sê-lo.

Se estas forem suas convicções, eu as aprovo, pois, no momento em que esses pecadores são privados das luzes da justiça e, por isso mesmo, mergulhados nas trevas, o que eles podem produzir, a não ser as obras das trevas que acabo de recordar, até que estas palavras lhes sejam dirigidas e sejam ouvidas por eles: *Desperta, tu que dormes! Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará*[61]

A Verdade os considera como já mortos e daí vem estas palavras: *"Deixa que os mortos enterrem seus mortos"*[62]. E aqueles que a Verdade considera como mortos, nosso autor sustenta que eles não podem ser feridos e nem viciados pelo pecado, por que ele diz que o pecado não é uma substância.

Ninguém lhe disse: "que o ser humano é feito de uma maneira tal, que pode passar da justiça ao pecado, mas não pode passar do pecado à justiça". Nós dissemos apenas que para pecar basta seu livre arbítrio, que se torna assim o princípio de todas as sua máculas,

[61] Efésios 5: 14.
[62] Mateus 8: 22.

enquanto que, para retornar à justiça, ele precisa de um médico, pois está doente e de um vivificador, pois está morto. Ora, sobre essa graça, nosso debatedor guarda o mais profundo silêncio, entendendo, sem dúvida, que o pecador pode se curar por sua própria vontade, já que ela foi suficiente para manchá-lo.

Nós não dissemos "que a morte do corpo é um pecado", pois ela é somente um castigo pelo pecado. Morrer fisicamente não poderia ser um pecado. Pelo contrário, a morte da alma é o pecado, pois, ao pecar, a alma é separada da vida, ou seja, de Deus. E, nesta condição, ela só pode fazer obras mortas, até que seja revivida pela graça de Jesus Cristo.

Estamos longe de dizer que "a fome, a sede e as enfermidades físicas nos arrastam para a necessidade de pecar". Vemos em tudo isso somente provas para a vida dos justos e oportunidades fornecidas pela Providência para dar à virtude um maior esplendor e lhe fazer merecer uma maior recompensa.

Mas, para suportar paciente e piamente essas provas, a alma precisa ser ajudada pela graça de Deus, pelo Espírito de Deus, pela misericórdia de Deus. Invés de se ensoberbar no orgulho de sua vontade, é na humilde confissão de sua fraqueza que ela encontra a força e a coragem. Que ela saiba dizer: *Vós sois, ó meu Deus, minha paciência. Senhor, desde a juventude vós sois minha esperança*[63].

[63] Salmo 70: 5. *Quoniam tu es patientia mea, Domine ; Domine, spes mea a juventute mea*.

Ora, não sei por que essa graça, esse socorro e essa misericórdia, sem os quais não há justiça possível, são objeto de silêncio mais absoluto por parte do nosso autor.

Ele vai mais longe ainda, pois, ao nos apresentar a natureza como suficiente para produzir a justificação somente com a ajuda da vontade, ele destrói, evidentemente, toda a economia da graça de Jesus Cristo, fora da qual não há justificação possível.

Por outro lado, após a absolvição do pecado pela graça e após nossa justificação, nós permanecemos submetidos à morte física, embora essa morte seja apenas a consequência do pecado.

Mas, creio ter, segundo minhas forças, resolvido suficientemente essa questão nos livros que enviei a Marcelino, de santa memória[64].

Capítulo 26

Jesus morreu livremente.

O autor nos contrapõe a seguinte afirmação: "Jesus morreu. No entanto, ele era isento de qualquer pecado".

Não podemos dizer que seu nascimento foi devido ao poder de sua misericórdia e não à condição de sua natureza?

Da mesma forma, ele morreu por seu próprio poder e sua morte foi o preço de nosso resgate. Só isso basta para convencê-los do erro,

[64] *O mérito, a remissão dos pecados e o batismo dos bebês*. Livro II, seções 49-56.

quando exaltam a natureza humana a ponto de sustentar que o preço da morte de Jesus Cristo não é de forma alguma necessário ao livre arbítrio para afastá-lo do poder das trevas e merecer o reino eterno.

No entanto, próximo de sua paixão, o Salvador clamou: *Vem o príncipe deste mundo, mas ele não tem nada em mim*[65]. Ou seja, nenhum pecado que lhe dê sobre mim o menor direito de me fazer morrer. *O mundo, porém, deve saber que amo o Pai e procedo como o Pai me ordenou. Levantai-vos, vamo-nos daqui*[66]. É como se ele lhes tivesse dito: "Não morro por causa do pecado, mas por que quero acima de tudo obedecer".

Capítulo 27

Deus sabe tirar o bem do mal.

O autor afirma que "o mal não pode ser causa de nenhum bem". O castigo é um mal e, no entanto, ele é para muitos a causa de sua conversão. Há, portanto, males que se tornam úteis para a inefável misericórdia de Deus.

Era de um bem que o Salmista falava, quando clamou: *Quando escondestes vossa face fiquei aterrado*[67]. Ele estava na aflição, mas essa aflição foi para ele um poderoso remédio contra o orgulho, pois,

[65] João 15: 30.
[66] João 15: 31.
[67] Salmo 29: 8.

quando ele estava na abundância, ele havia dito: *Não serei jamais abalado*[68].

Assim, ele atribuía a ele mesmo o que havia recebido de Deus, pois, o que ele possuía, ele não tinha recebido? Foi preciso então mostrar-lhe a fonte única de onde ele podia esperar o remédio, para que ele recebesse com humildade o que havia perdido com seu orgulho.

Desta forma, o ouvimos clamar: *Senhor, foi por favor que me destes honra e poder. Eu, porém, disse, seguro de mim: "Não serei jamais abalado"*, quando estas benesses vinham de vós e não de mim. *Mas, quando escondestes vossa face, fiquei aterrado*.

Capítulo 28

A habilidade dos heréticos.

Estes sentimentos não são desfrutados por um espírito orgulhoso, mas o Senhor é grande e sabe inspirá-los quando ele quer. Diante de um erro, somos mais levados a procurar a refutação do que compreender o prêmio que é para nós não cair no erro. Assim, estou convencido de que, diante dos heréticos, temos menos que discutir do que rezar por eles e por nós.

[68] Salmo 29: 7.

Por exemplo, jamais tivemos o discurso que, no entanto, ele censura em nós: "O pecado foi necessário para dar livre curso à misericórdia de Deus".

Quem dera que esse abismo de miséria jamais tivesse existido e fosse necessária essa misericórdia! Mas, como o pecado tinha assumido um caráter de iniquidade tão grande quanto fácil era ao ser humano não pecar, já que ele ainda não tinha perdido sua força, ele teve que ser punido na mesma proporção. Ele teve que sentir nele mesmo o contragolpe de seu pecado, perdendo o império sobre o corpo que ele recebeu de Deus e pelo qual ele se recusou a agradecer a Deus.

Hoje nascemos sob o império da lei do pecado e essa lei, em nossos membros, luta contra a lei do espírito[69].Evitemos, no entanto, murmurar contra Deus e discutir contra um fato de uma evidência tal. Contra esse castigo, que nos baste procurar e implorar a misericórdia de Deus.

Capítulo 29

Uma comparação que mostra a necessidade da graça.

Pese atentamente estas palavras do autor: "Quando é necessário, Deus não se recusa a fazer misericórdia ao ser humano, por que é necessário que ele venha em socorro do ser humano após seu pecado e não por que Deus desejou a causa dessa necessidade".

[69] Cf. Romanos 7: 23. *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a Lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*.

Não está claro que, se ele admite a necessidade da misericórdia divina, não é para que não pequemos, mas por que pecamos?

Ele acrescenta: “O médico deve estar pronto para curar aquele que está ferido, mas ele não deve desejar que aquele que está saudável receba algum ferimento”.

Se esta comparação pode ser aplicada ao tema que tratamos, disto resulta, evidentemente, que a natureza humana não pôde ser ferida pelo pecado, já que o pecado não é uma substância. Da mesma forma como, por exemplo, alguém que manque por causa de um ferimento, procura um tratamento para curar esse ferimento e assim voltar a caminhar normamente, assim também, ao curar os males, o Médico Celeste não visa somente destruir esses males, mas também fazer com que caminhemos corretamente na via da virtude. Ora, esse caminhar só é possível, mesmo aos justos, com a ajuda divina.

Quando um médico comum cura uma pessoa, para o resto ele depende da Providência, de quem exclusivamente o doente pode esperar o apoio diante dos elementos e o alimento físico. Coisas que são necessárias ao fortalecimento e à conservação da saúde e que só podem vir de Deus, bem como os remédios empregados para afastar a doença.

De fato, se o médico cuida e cura, não é com os medicamentos que ele próprio criou, pois as substâncias que compõem esses medi-

camentos são obra Daquele que criou tudo o que é necessário àqueles que estão com saúde e àqueles que estão doentes.

Por outro lado, esse Deus que __ através de Jesus Cristo Mediador entre Deus e os humanos __ cura espiritualmente os doentes e ressuscita os mortos, ou seja, justifica os pecadores, não nos abandona, se nós mesmos não o abandonamos e, após nos ter restabelecido uma saúde perfeita, ou seja, à vida perfeita e à justiça, ele está sempre pronto a nos ajudar a viver na santidade e na justiça.

De fato, da mesma forma como o olho saudável só pode distinguir os objetos se estiver mergulhado na luz, assim também, o ser humano plenamente justificado só pode viver na justiça na medida em que é ajudado divinamente pela eterna luz da justiça.

Deus nos cura então, não somente no sentido em que ele apaga os pecados que cometemos, mas no sentido também de que ele nos fornece os meios para não pecar.

Capítulo 30

Assim como uma dor cura outra dor, um pecado pode curar outro pecado.

O autor emprega toda sua habilidade e a emprega de todo jeito para refutar este argumento que lhe é apresentado: “Para afastar do ser humano toda oportunidade de se orgulhar, era necessário mostrar-lhe que ele não pode viver sem pecado”.

E o nosso debatedor considera "um absurdo e uma tolice, que o pecado se torne um remédio para o pecado, já o próprio orgulho é um pecado". Mas, não cravamos o bisturi em uma ferida e não fazemos incisões em um ferimento para lhe retirar a dor com outra dor?

Se nunca tivéssemos praticado este tipo de operação e tivéssemos ouvido falar dela em países onde tais coisas sempre tivessem sido feitas, não riríamos de desprezo e responderíamos com estas palavras: "É um absurdo afirmar que a dor seja necessária para destruir a dor que causa uma úlcera?"

Capítulo 31

O tipo de nossa cura só depende do Médico Celeste.

"Mas Deus pode curar tudo", eles dizem. De fato, Deus age com vistas a curar tudo, mas ele age conforme seus desígnios e não cabe ao doente lhe dar a ordem para curar.

O Senhor quis, certamente, fortalecer seu Apóstolo, mas, no entanto, ele lhe disse: *"Basta-te minha graça, por que é na fraqueza que se revela totalmente a minha força"*[70]. Além disso, apesar das preces frequentes desse Apóstolo, o Senhor não retira o espinho na carne que Paulo informa que tinha, para que ele não visse, na grandeza de suas revelações, um motivo para se orgulhar[71].

---

[70] 2 Coríntios 12: 9.

[71] Cf. 2 Coríntios 12: 7. *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me esbofetear e me livrar do perigo da vaidade.*

Os outros vícios se alimentam com as más ações. Somente o orgulho deve ser temido até mesmo nas obras mais perfeitas. Diante disso, os justos são frequentemente advertidos para não atribuírem a eles mesmos o que lhes vem de Deus; caso contrário, eles pecariam mais gravemente do que aqueles que não fazem nenhum bem e aos quais é dito: *Trabalhai na vossa salvação com temor e tremor, por que é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*[72].

Se é Deus quem opera em nós, por que não é então com segurança e sim *com temor e tremor*? Como o bem só pode ser feito com nossa própria vontade, é de se temer que aquele que faz o bem se atribua exclusivamente o mérito e diga em sua abundância: *Jamais serei abalado*[73]. Pelo contrário, àquele que voluntariamente acrescenta força à beleza, ele afasta só um pouco o rosto, o que provoca a perturbação no orgulhoso[74]. Esse tumor do orgulho não pode ser curado sem dor.

[72] Filipenses 2: 12 e 13.
[73] Salmo 29: 7.
[74] Cf. Salmo 29: 8. *Quando escondestes vossa face, fiquei aterrado*.

Capítulo 32

Deus algumas vezes nos abandona para nos livrar do orgulho.

Não é dito ao ser humano: "É preciso que você peque para que não peque". Mas nós lhe dizemos: "Deus o abandona algumas vezes para punir seu orgulho, para que você saiba que o bem com o qual você se orgulha não vem de você e que você aprenda a desafiar o orgulho".

Escutemos umas palavras do Apóstolo, nas quais seria muito difícil acreditar, se não fosse um crime não acreditar em suas palavras inspiradas. Sabemos todos que Satã foi, para o gênero humano, a primeira sedução para o pecado[75] e o primeiro autor de todos os pecados. No entanto, alguns são entregues a Satã para que aprendam a não blasfemar[76].

Como então a obra de Satã é rejeitada por ser a obra de Satã? Que nosso autor pese atentamente estas considerações, para que elas não lhe pareçam muito relevantes e para que um exame muito superficial só lhe deixe vislumbrar obscuridades.

O que ele pretende provar com comparações nas quais ele deveria ver que ele mesmo fornece respostas a todas as suas objeções? "Que direi ainda, se não é que é mais difícil acreditar que o fogo é

[75] Cf. Gênesis 3: 1-6.
[76] Cf. 1 Timóteo 1: 20. *É o caso de Himeneu e Alexandre, que entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar*.

extinto pelo fogo do que acreditar que o pecado é curado pelo pecado?", ele clama.

Mesmo que não se possa extinguir o fogo com o fogo, podemos dizer que a dor não pode ser curada pela dor, como eu disse? Que ele se dê ao trabalho de examinar e verá que o veneno é destruído com o veneno. E, se ele observar que o fogo da febre é, algumas vezes, extinto pelo fogo dos remédios, ele não admitirá que o fogo pode ser extinto pelo fogo?

Capítulo 33

Nem todo pecado é um ato de orgulho.

"Como separaremos então o pecado do próprio orgulho", ele questiona. E que necessidade há de separá-lo, já que é evidente que o próprio orgulho é um pecado?

Ele continua: "Assim como todo pecado é um ato de orgulho, também todo ato de orgulho é um pecado. De fato, pense nos pecados e veja se há algum deles que não tenha sido, acima de tudo, inspirado pelo orgulho".

Estas são as provas que ele utiliza em apoio às suas proposições: "Todo pecado, se não me engano, é um desprezo para com Deus e todo desprezo para com Deus é orgulho, pois, o que há de mais orgulhoso do que desprezar Deus? Todo pecado vem, portanto,

do orgulho, de acordo com estas palavras das Escrituras: *O princípio de todo pecado é o orgulho*[77]".

Eu convido nosso autor a examinar seriamente a questão, para que ele descubra uma diferença profunda entre os outros pecados e o pecado do orgulho.

De fato, muitos pecados são cometidos pelo orgulho, mas nem todos os pecados são, por isso, atos de orgulho. Alguns deles não têm por causa a ignorância e outros a fraqueza? Quantos deles não são cometidos por pessoas mergulhadas em gemidos e lágrimas?

De seu lado, o orgulho é, propriamente, um pecado, independentemente de qualquer outro motivo e, como eu já disse, ele sabe se infiltrar não apenas nos pecados, mas até mesmo em ações muito boas, por sinal.

Por fim, não há nada a opor à verdade deste oráculo: *O princípio de todo pecado é o orgulho*, pois foi ele que precipitou no abismo o demônio, causa primeira de todo pecado humano e que, invejoso da inocência humana, estendeu ao ser humano a rede na qual ele próprio havia caído. Não foi à porta do orgulho que a serpente veio bater, quando sussurrou: *Sereis como deuses*[78]? Daí vieram também estas outras palavras: *O início do orgulho num homem é renegar a Deus*[79].

---

[77] Eclesiástico 10: 15.
[78] Gênesis 3: 5.
[79] Eclesiástico 10: 14.

Capítulo 34

Como o pecado é obra própria do pecador.

Mas, o que significam estas palavras de nosso autor: “Como então o ser humano pode aceitar perante Deus a responsabilidade por um pecado que sabe que não cometeu pessoalmente? De fato, se você observar o pecado como necessário, como você pode atribuí-lo a ele? Um pecado só é nosso quando é voluntário e, se é voluntário, ele pode ser evitado”.

A isto, respondemos: o pecado é obra própria do pecador, mas o vício que está na sua origem não está ainda perfeitamente curado. Suponhamos que façamos um mau uso de nossa saúde espiritual. Logo este vício atinge grandes desenvolvimentos e daí surge um conjunto de pecados que advém da fraqueza e da cegueira. A única coisa a fazer então é implorar por uma cura e uma saúde que não enfraqueça. Mas é preciso ficar atento contra o orgulho que faz acreditar que a cura e a doença decorrem do mesmo princípio.

Capítulo 35

Por que Deus não nos cura imediatamente do orgulho?

Ao falar assim, eu só quero ressaltar melhor a profunda ignorância em que me encontro sobre os decretos secretos de Deus e, em particular, da razão pela qual o Senhor não cura imediatamente esse orgulho que tende a se infiltrar até nas melhores ações.

A cura desse vício lhe é pedida pelas almas pias com lágrimas amargas e longos gemidos. Elas o invocam sem cessar, para que ele estenda suas mãos poderosas para vencer esse orgulho e, de alguma forma, para desprezá-lo e aniquilá-lo.

Quando uma pessoa se regozija com uma boa ação que acaba de realizar e na qual ela acredita ter vencido o orgulho, logo, do seio dessa alegria se levanta o orgulho e diz: "Eu ainda estou vivo. Por que esse triunfo de sua parte? Pois eu vivo precisamente por que você triunfa".

Sem dúvida que seria uma grande alegria para nós poder, antes do tempo, triunfar sobre o orgulho vencido, embora saibamos bem que sua sombra pairará sobre nós até que ela despareça no sol do meio-dia. É este sol do meio-dia que nos é prometido pelas Santas Escrituras: *Como a luz, fará brilhar a tua justiça e, como o sol do meio-dia, o teu direito*[80]. Contanto que sejam obedecidas estas outras palavras: *Confia ao Senhor a tua sorte, espera nele e ele agirá*[81].

É assim que julgam aqueles que acreditam agir por conta própria? *O Senhor agirá*; a quem foram dirigidas estas palavras, se não foi para aqueles que dizem: "Somos nós que agimos", ou seja, "Nós mesmos nos justificamos".

Sem dúvida que não ficamos sem agir, mas só fazemos cooperar com a ação de Deus, que nos antecede com sua misericórdia.

---

[80] Salmo 36: 6.
[81] Salmo 36: 5.

Ora, ele nos antecede para que sejamos curados e para que, estando curados, tenhamos força. Ele nos antecede para que sejamos chamados e, sendo chamados, sejamos glorificados. Ele nos antecede para que vivamos piamente e, vivendo piamente, vivamos eternamente com ele, pois, sem ele, não podemos fazer nada[82].

Ambas as verdades estão escritas: *Deus meu, sua misericórdia me precede*[83] e *Sua misericórdia me seguirá por todos os dias de minha vida*[84].

Façamos então a humilde confissão de nossas vidas e não procuremos nos justificar, pois, se nossa vida não é a dele, mas a nossa, ela não pode ser inocente.

Por isso devemos revelá-la a ele com uma humilde confissão e não podemos esquecer que ela já lhe é conhecida, mesmo que tentemos escondê-la. *É bom confessar ao Senhor*[85].

Capítulo 36

Evitemos o orgulho até nas boas obras.

O Senhor nos dará o que lhe agrada, se o que lhe desagrada em nós nos desagrada igualmente. Ele, como está escrito, corrigirá nos-

[82] Cf. João 15: 5. *Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; por que sem mim nada podeis fazer*.
[83] Salmo 58: 11. *Deus meus misericordia ejus præveniet me*.
[84] Salmo 22: 6. *Misericordia tua subsequetur me omnibus diebus vitæ meæ*.
[85] Salmo 91: 2. *Bonum est confiteri Domino*.

sos passos desviados de seu caminho[86] e fará com que nosso caminho seja o seu, pois é dele que vem todo socorro àqueles que acreditam nele e que esperam dele que ele mesmo aja.

Este é o caminho justo, mas ignorado por aqueles *que têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento. Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus. Por que Cristo é o objetivo da Lei, para justificar todo aquele que crê*[87]. Ele que disse: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim"*[88].

Mesmo que permaneçamos nesse caminho, Deus não deixa de nos assustar com ameaças, para que não nos vangloriemos de nossas próprias forças. É por isso que o Apóstolo fala desta maneira: *Caríssimos, vós que sempre fostes obedientes, trabalhai na vossa salvação com temor e tremor, por que é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o fazer*[89].

Assim também fala o Salmista: *Sirva o Senhor com temor e regozije-se nele com tremor, para que ele não se irrite e você não se perca no caminho, quando se acender subitamente sua cólera*[90].

Ao nos ameaçar com a ira divina, o Salmista não diz que o Senhor se recusará nos mostrar o caminho justo ou nos reconduzir ao

[86] Cf. Salmo 43: 19.
[87] Romanos 10: 2-4.
[88] João 14: 6.
[89] Filipenses 2: 12 e 13.
[90] Salmo 2: 11-13.

caminho justo. O oráculo se dirige àqueles que caminham nessa via e diz a todos que temam, para que não se desviem desse caminho justo.

Tudo isso, como eu já disse antes, prova que é para se temer o orgulho, mesmo nas boas ações, ou seja, na via justa, para que ninguém venha a atribuir a si mesmo o que lhe vem de Deus e não perca isso que lhe vem de deus, o que o reduziria somente às suas próprias forças naturais.

Observemos, no entanto, esta afirmação feita pelo Salmista, ao terminar sua advertência: *Felizes, entretanto, todos os que nele confiam*[91].

Que Aquele então, a quem pedimos: *Dai-nos a vossa salvação*[92], nos dê essa salvação, para que possamos caminhar. Que nos guie nesse caminho Aquele a quem pedimos: *Ensinai-me vosso caminho, Senhor, para que eu ande na vossa verdade. Dirija meu coração para que eu tema o vosso nome*[93]. Que nos faça chegar ao término desse caminho, isto é, à obtenção das promessas, Aquele a quem dizemos: *É ainda vossa mão que lá me levará e vossa destra que me sustentará*[94]. Que sacie aqueles que estão sentados com Abraão, Isaac e Jacó, Aquele de quem é dito: *Fá-los-á sentar à mesa e servi-los-á*[95].

---

[91] Salmo 2: 13.
[92] Salmo 84: 8.
[93] Salmo 85: 11.
[94] Salmo 138: 10.
[95] Lucas 12: 37.

Se recordamos todos estes oráculos, não é para exaltar o poder do livre arbítrio, mas para afirmar novamente a necessidade e a eficácia da graça. A quem tudo isso pode ser útil, se não é para aquele que quer e quer humildemente e que, para chegar à perfeição da justiça, acredita na insuficiência de suas próprias forças e na necessidade absoluta da graça?

Capítulo 37

Se o ser humano fosse absolutamente sem pecado, mesmo assim, ele não seria igual a Deus.

Longe de nós lhe apresentarmos a objeção que ele afirma que lhe é apresentada por outros; “Ao afirmar que o ser humano existe sem pecado, o assemelhamos a Deus”.

O anjo, seguramente, é sem pecado e, no entanto, não o igualamos a Deus. Vou mais longe ainda e, supondo uma justiça tão perfeita que não se poderia acrescentar mais nada a ela, não deixaríamos de estar, como criaturas, a uma distância infinita do Criador.

Sendo assim, a quem supor que chegaremos a um tão alto grau de elevação que nos transmutaremos na própria substância de Deus e nos tornaremos tal como ele é, eu peço as provas de sua afirmação. Quanto a mim, eu protesto.

Capítulo 38

Podemos dizer com toda verdade que não somos sem pecado.

Àqueles que dizem: “O que você afirma parece razoável, mas é por orgulho que se diz que o ser humano pode existir sem pecado”, nosso autor dirige esta resposta, que eu aplaudo: “Não há orgulho em afirmar o que é absolutamente verdadeiro”. Ele acrescenta,com espírito de verdade: “De que lado você coloca a humildade? Sem dúvida alguma, do lado da mentira, se o orgulho está com a verdade”.

Ele conclui e com razão que a humildade está do lado da verdade e não do lado da mentira. Ele prossegue com estas palavras: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[96]. Isto é a expressão da mais pura verdade, pois, é possível acreditar que a humildade tenha inventado uma mentira assim?

O Apóstolo poderia se contentar em dizer: *enganamo-nos a nós mesmos*, mas ele acrescenta: *e a verdade não está em nós*. Isto não é por que ele pensava que havia pessoas que, em suas palavras, enganam a elas mesmas, colocando uma certa complacência no bem verdadeiro que elas realizam? Ao acrescentar: *e a verdade não está em nós*, o Apóstolo mostra claramente e nosso autor proclama com razão essa verdade, que ninguém tem o direito de dizer que é sem pecado.

[96] 1 João 1: 8.

Caso contrário, a humildade estaria do lado da mentira e perderia, com isso, todo direito à recompensa pela verdade.

Capítulo 39

O Deus criador e o Deus salvador são um só.

Ao exagerar as forças da natureza, nosso autor se vangloria por defender a própria causa de Deus. Ele não vê que, ao dizer que a natureza é perfeitamente sã, ele rejeita a misericórdia do médico.

De fato, aquele que é nosso Criador é, ao mesmo tempo, nosso Redentor. Desta forma, ao louvar o Criador, evitamos nos colocar na necessidade lógica de concluir ou de parecer concluir que a obra da Redenção é absolutamente supérflua.

Façamos à natureza humana os maiores elogios e que esses elogios visem a glória do Criador, mas, se somos reconhecidos pela criação, não sejamos ingratos por nossa redenção.

Os vícios, cuja cura obtemos através de Jesus Cristo, não devemos atribuí-los à obra divina, mas à nossa vontade humana e aos justos castigos que merecem nossos pecados. Mas, se admitimos que estava originalmente em nosso poder a isenção desses vícios, convenhamos que hoje a cura desses mesmos vícios é mais obra da divina misericórdia do que de nossa própria vontade.

Quando se fala da misericórdia e do socorro medicinal do Salvador ao autor que analisamos, ele diz que isto consiste no perdão

dos pecados passados e não no socorro para evitar o pecado no futuro. Este é um erro dos mais perniciosos. Sem saber talvez, ele nos proíbe de velar e rezar para que não caiamos em tentação, pois ele sustenta que temos pleno poder em nós mesmos para resistir sempre e em toda parte a essa tentação.

Capítulo 40

Por que alguns pecados nos são relatados pelas Escrituras.

Ele diz: "Se as Escrituras com razão nos transmitem a lembrança de alguns pecados, não é para nos colocar no desespero para não pecar ou em um tipo de segurança quando pecamos". Com essa narrativa só devemos aprender duas coisas: nos humilhar na penitência e não desesperar com nossa salvação, mesmo quando caímos em tais pecados.

Por fim, a condenação de certas pessoas vem menos de seus pecados do que do desespero que as toma, pois, sob o golpe desse desespero, não apenas elas negligenciam uma penitência que as salvaria, como ficam escravas cegas de suas paixões vergonhosas e de seus desejos criminosos. Podemos dizer que, para elas, recusar qualquer coisa às suas paixões seria uma perda de tempo, pois só podem esperar sua condenação.

Como remédio a uma doença tão perigosa assim, poderíamos citar a esses infelizes os pecados cometidos por pessoas que, mais tarde, se tornariam justas e santas.

Capítulo 41

É possível morrer sem pecado, mesmo não sendo possível viver sem pecado.

A questão seguinte de nosso autor não deixa de ser relevante: "Em que estado estavam esses santos no momento de suas mortes? Eles eram culpados ou sem pecado?"

Se respondêssemos que eles morreram em pecado, concluiríamos __ o que é um crime __ que esses santos estavam condenados. Se respondermos que eles morreram sem pecado, isto exige que provemos que essa pessoa, pelo menos próxima da morte, esteve, em vida, algum tempo sem pecado.

Apesar da relevância da questão, ela esquece que não é em vão que os justos pedem em suas preces: *Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofenderam*[97]. Ela se esquece também da explicação que o Salvador deu da prece que ele acabara de ensinar: *Se perdoardes às pessoas as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará*[98].

[97] Mateus 6: 12.
[98] Mateus 6: 14.

Este pedido da Oração do Senhor é como que um incenso espiritual e cotidiano que oferecemos a Deus no altar de nosso coração. Assim, embora não vivamos neste mundo sem pecado, em virtude desta prece, podemos morrer sem pecado, contanto que obtenhamos sem cessar o perdão pelas faltas que cometemos por ignorância ou por fraqueza.

Capítulo 41

A santa Virgem Maria viveu sem pecado.

Nosso autor enumera em seguida aqueles "que nos são apresentados, não apenas como sendo sem pecado, mas também como tendo vivido na justiça: Abel, Enoque, Melquisedeque, Abraão, Isaac, Jacó, Josué, Fíneas, Samuel, Natan, Elias, José, Eliseu, Miquéias, Daniel, Ananias, Azarias, Misael, Ezequiel, Mardoqueu, Simeão, José esposo da Virgem Maria, João".

Ele acrescenta também algumas mulheres: "Débora, Ana mãe de Samuel, Judite, Ester, Ana filha de Samuel, Isabel e a mãe de nosso Salvador, que, é preciso admitir, era sem pecado".

Assim então, com exceção da Virgem Maria, que não pode estar em questão quando se trata de pecado e cuja inocência perfeita não pode ser colocada em dúvida sem atentar contra a honra de Deus, sendo ela que mereceu conceber e dar à luz a própria inocência, o Verbo encarnado, ela não podia deixar de receber todas as graças

pelas quais ela triunfaria sobre todos os pecados, quaisquer que eles fossem; eu digo então que, deixando de lado a Virgem Maria, se reuníssemos todos os santos e santas que viveram neste mundo e lhes perguntássemos se eles eram sem pecado neste mundo, qual seria a resposta deles? Seria a do nosso autor ou a do apóstolo João?

Eu lhes pergunto então: seja qual for a excelência de sua santidade neste mundo, se pudéssemos interrogá-los, eles não teriam respondido em uma só voz: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[99]. E esta resposta teria sido mais humildade do que verdade?

Capítulo 43

Por que as Escrituras não enumeraram os pecados de todos os seus personagens?

Acrescenta o autor: "Talvez meus adversários perguntem: as Escrituras puderam enumerar os pecados de todos os seus personagens"?

Quaisquer que sejam esses adversários, esta questão é perfeitamente procedente e não vejo que o autor a tenha respondido de uma maneira peremptória, embora eu veja claramente que ele não quis se calar.

[99] 1 João 1: 8.

Veja sua resposta: “Talvez isso seja dito legitimamente daqueles, bons ou perfeitos, que as Escrituras não mencionam. Quanto àqueles que elas nos apresentam como justos, elas, sem dúvida, teriam mencionado seus pecados, se eles os tivessem”.

Neste caso, só lhe resta dizer que a justiça não teve nada a ver com a fé viva da multidão que assistiu a entrada triunfal do Salvador em Jerusalém e que, sem se preocupar com a efervescência e murmúrios dos inimigos de Jesus Cristo, gritavam com toda força: *Hosana ao filho de Davi! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!*[100]

Que ele ouse igualmente dizer que nessa massa imensa não havia uma só pessoa que fosse culpada de pecados. Se esta última hipótese é um grosseiro absurdo, por que a Escritura não enumera os pecados dessa massa, como ela exalta sua fé cheia de entusiasmo e espontaneidade?

Capítulo 44

As Escrituras atestam, segundo Pelágio, que Abel viveu sem pecado.

Nosso autor, sem dúvida, pressentiu o valor desta resposta, pois ele logo acrescenta: “Admitamos então que na sequência dos séculos o número de pessoas era tão grande que teria sido impossível enume-

[100] Mateus 21: 9.

rar os pecados de todos nas Santas Escrituras. Na origem do mundo, quando o gênero humano era composto de somente quatro pessoas, a enumeração de todos os seus pecados era possível. Por que então as Escrituras se recusaram a fazê-lo? A causa foi a multidão, que não existia ainda? Ou ela se contentou em assinalar os pecados daqueles que os tinham cometido e guardou silêncio sobre aqueles que não os cometeram?"

Seu pensamento se completa na sequência. Ele diz: "Só havia quatro personagens na origem da história: Adão, Eva e seus filhos, Caim e Abel. Eva pecou e as Escrituras nos relatam seu crime[101]. Adão pecou também e sua falta é assinalada[102]. Caim se tornou culpado e as Escrituras nos atestam igualmente, não somente estes pecados mencionados, como também sua gravidade[103]. Se Abel tivesse pecado, as Escrituras teriam dito, mas elas se calaram sobre este ponto. Portanto, Abel não pecou e as Escrituras o descrevem como um justo. Acreditemos então no que lemos e consideremos ilícito afirmar o que não lemos".

[101] Cf. Gênesis 3: 6.
[102] Cf. Gênesis 3: 6.
[103] Cf. Gênesis 4: 8.

Capítulo 45

Os pecados dos justos.

Ao pronunciar estas palavras, o autor se esqueceu, sem dúvida, do que ele havia dito antes: “Quando o gênero humano se multiplicou, o número de pecados se tornou tão grande que se tornou impossível para as Escrituras relacioná-los todos”.

Com um pouco mais de atenção ele teria visto que em uma só pessoa os pecados leves se tornam tão numerosos que as Escrituras não poderiam, ou se tivessem podido, não precisariam tê-los enumerado todos. Foi preciso um limite a essa enumeração e, aliás, alguns exemplos bastariam perfeitamente para fornecer ao leitor os ensinamentos necessários.

Na origem do mundo os seres humanos não eram ainda numerosos e, no entanto, as Escrituras não julgam necessário fornecer em detalhes o nome dos filhos e das filhas que tiveram Adam e Eva. É isto o que explica como pessoas que não se atentavam para o silêncio das Escrituras, chegaram a acreditar que Caim tinha conhecido sua própria mãe, já que ele não teve irmãs.

Por que então não continuar a leitura do texto sagrado? Ali eles teriam visto que Adão gera filhos e filhas, embora não seja dito em

que época eles nasceram, qual era seu número e como eles foram chamados[104].

É de se espantar, após isso, que as Escrituras não tenham nos dito se Abel, embora justo, não tenha algumas vezes rido de maneira imoderada, se não se dedicou à dissipação, se não lançou sobre alguma coisa um olhar de cobiça, se não comeu com muita sofreguidão ou satisfação, se não se distraiu em suas preces, enfim, se não cometeu, mais ou menos frequentemente, estas faltas ou outras semelhantes?

Todas estas negligências não são pecados e o Apóstolo não nos convida a combatê-las e a reprimi-las, quando diz: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites*[105]?

Ora, para resistir a esses impulsos ilícitos ou inconvenientes, é preciso manter uma luta cotidiana e perpétua. Em virtude da cobiça viciosa, o olho se levanta ou se abaixa sobre o que lhe é proibido. Deixe essa cobiça se desenvolver e prevalecer e logo o próprio corpo cometerá o adultério que se forma no coração tão rapidamente quanto o pensamento.

Aqueles que, se armando contra esse pecado, ou seja, contra o impulso de uma afeição viciosa, chegam a domá-lo em grande parte, a não obedecer aos seus desejos, a não fazer de seus membros ins-

[104] C. Gênesis 5: 4.
[105] Romanos 6: 12.

trumentos de iniquidade, nós os chamamos justos e eles merecem esta denominação, que não teriam jamais conquistado sem a graça de Deus.

Por outro lado, acontece frequentemente desses próprios justos pecarem, seja por leviandade ou por imprudência. No entanto, eles são justos e, mesmo assim, eles não são sem pecado.

Por fim, quanto ao próprio justo Abel, é certo que o amor de Deus, pelo qual somos exclusivamente constituídos na justiça, não atingiu nele um grau tal que não fosse passível de ser aumentado. Portanto, faltava nele ainda alguma coisa e esta própria falta era um vício. E a quem não falta alguma coisa, até que cheguemos à força divina na qual desaparecerá toda fraqueza humana?

Capítulo 46

Nada deve ser dito contra as Escrituras.

Nosso autor conclui com esta grande máxima: "Acreditemos então no que lemos e o que não lemos consideremos como um crime afirmá-lo".

A esta afirmação eu contraponho esta: "Não devemos acreditar em tudo o que lemos, como provam estas palavras do Apóstolo: *Experimente tudo; apegue-se ao que é bom*[106]". Nem sempre é um crime afirmar o que não lemos. De fato, o que nós mesmos experimen-

[106] 1 Tessalonicenses 5: 21.

tamos podemos afirmar de boa fé, como testemunhas, mesmo que não tenhamos podido lê-lo em nenhum lugar.

O autor, sem dúvida, vai me dizer: "Ao formular minha proposição em tinha em vistas as Santas Escrituras". Deus queira que ele jamais afirme, não o que leu nas Escrituras, mas nada de contrário ao que ali ele leu!

Então, de fato, ele recolheria, com tanta fidelidade quanto obediência, estas palavras tão formais: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que todos pecaram*[107].

Se ele aceitasse fielmente estas palavras, ele deixaria de combater a graça do Médico Supremo, se recusando a aceitar a decadência da natureza humana.

Queira Deus que ele leia, como todo cristão deve fazê-lo, que fora de Jesus Cristo não há nenhum nome sob o céu por quem possamos encontrar a salvação[108]. Ele deixaria então de exaltar o poder da natureza humana e até mesmo sustentar que, somente com as forças de seu livre arbítrio, o ser humano pode ser salvo sem a graça daquele cujo nome é para nós o único princípio.

---

[107] Romanos 5: 12.
[108] Cf. Atos 4: 12. *Em nenhum outro há salvação, por que debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos*.

Capítulo 47

No que Pelágio faz consistir a necessidade da redenção operada por Jesus Cristo.

O autor talvez pense que, se o nome de Jesus Cristo nos é necessário, é para que, através do Evangelho, aprendamos como devemos viver, mas, de forma alguma, para que encontremos em sua graça um meio indispensável para viver bem.

Que ele admita, pelo menos, o miserável estado em que nos jogaram as trevas que obscurecem nosso espírito, já que conhecemos o meio de domar os leões, ao mesmo tempo em que ignoramos como devemos viver.

Para ter esse conhecimento, basta o livre arbítrio e a lei natural? Esta seria então a sabedoria da palavra pela qual é desvirtuada a cruz de Cristo[109]. Ora, aquele que disse: *Destruirei a sabedoria dos sábios*[110], sabendo bem que a cruz de Cristo não pode se aniquilada, destrói, evidentemente, essa sabedoria mundana, com a loucura dessa pregação que traz a cura com a fé[111].

De fato, se com as forças naturais do livre arbítrio podemos chegar a saber como devemos viver e isso nos basta para viver bem,

---

[109] Cf. 1 Coríntios 1: 17. *Non enim misit me Christus baptizare, sed evangelizare; non in sapientia verbi, ut non evacuetur crux Christi*.
[110] 1 Coríntios 1: 19.
[111] Cf. 1 Coríntios 1: 20 e 21. *Acaso não declarou Deus por loucura a sabedoria deste mundo? Já que o mundo, com a sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura de sua mensagem*.

então *Cristo morreu em vão*[112] e *o escândalo da cruz*[113] não tem mais nenhuma razão de ser.

Por que então eu não clamaria, por que deixaria de lhes dirigir este protesto de uma dor cristã: "Você que encontra sua justificação na natureza, você é rejeitado por Cristo, você decaiu da graça[114], pois, ignorando a justiça de Deus e querendo estabelecer a sua, você não se submeteu à justiça de Deus. Da mesma forma como Cristo, para a justificação de quem acredita nele, é o fim da Lei, assim também ele é o Salvador da natureza humana viciada"[115].

Capítulo 48

Explicação de algumas palavras do Apóstolo.

O Apóstolo disse, de uma maneira absoluta: *Todos pecaram*[116] e está claro que ele "falava daqueles que existiam naquele tempo, ou seja, os judeus e os gentios".

Ele também disse: *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que todos pecaram*[117].

---

[112] Gálatas 2: 21.
[113] Gálatas 5: 11.
[114] Cf. Gálatas 5: 4.
[115] Cf. Romanos 10: 3 e 4. *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus. Por que Cristo é o objetivo da Lei, para justificar todo aquele que crê.*
[116] Romanos 3: 23.
[117] Romanos 5: 12.

Está claro que estas palavras se aplicam a todos, sem nenhuma distinção; aos antigos e aos modernos, a nós e a nossos descendentes. Mas há outra passagem em que a palavra *todo*, igualmente empregada, não é tão exclusiva que não comporte algumas exceções. A passagem é esta: *Como pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano, assim, por um único ato de justiça, recebe todo o gênero humano a justificação que dá a vida*[118].

Diz nosso autor: "Ora, não há dúvidas de que a justiça de Jesus Cristo não santifica todos, mas unicamente aqueles que bem quiseram obedecê-lo e que foram purificados pelo banho do batismo".

Pois bem! Que ele me permita dizer que esta passagem não basta para provar o que ele disse.

De fato, da mesma forma como não se pode admitir exceção nas palavras *Como pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano*, por que admiti-la nestas outras: *por um único ato de justiça, recebe todo o gênero humano a justificação que dá a vida*?

Estas palavras, sem dúvida, não significam que todos acreditam em Jesus Cristo e são purificados no banho do batismo, mas elas afirmam, de uma maneira absoluta, que ninguém é justificado se não acredita em Jesus Cristo e não está purificado pelo batismo. A pala-

[118] Romanos 5: 18.

vra *todo* é então empregada para nos mostrar que ninguém pode ser salvo sem Jesus Cristo.

Supondo que só houvesse um professor de belas letras em uma cidade, estaríamos perfeitamente no direito de dizer que esse professor ensina a todos as belas letras. Mas isso não significa que todos aprendem as belas letras, mas apenas que só há para ensinar-lhes esse professor. É desta forma que dizemos que ninguém está justificado se não foi justificado por Jesus Cristo.

Capítulo 49

O ser humano pode existir sem pecado, mas com a ajuda da graça.

Rebate o autor: "Está bem, admito que o Apóstolo afirma que todos foram pecadores. Ele diz o que eles foram, mas não diz que não poderiam ser de outra maneira. Mesmo que provássemos que todos são pecadores, isso não invalida minha proposição, pois me ocupo menos com o que são as pessoas, do que como elas poderiam ser". Ele tem razão em admitir, por fim, que *ninguém que viva é justo diante de* Deus[119].

No entanto, a questão não é esta, pois o autor se ocupa sobretudo com a possibilidade de não pecar e neste ponto não temos nenhuma necessidade de combatê-lo.

[119] Salmo 142: 2.

De fato, eu não me preocupo em saber se houve, se há ou se poderá haver pessoas que possuíram, possuem ou possuirão o amor de Deus que é a justiça eminentemente verdadeira, plena e perfeita. Eu sempre disse que a justiça é possível com a graça de Deus, sem procurar saber onde e em quem ela está.

Eu nem mesmo me preocupo com a própria possibilidade, já que essa possibilidade está realizada nos santos, pelo simples fato de que sua vontade curada e ajudada pela graça prestou seu socorro ao *amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[120] e com toda a plenitude que podia comportar nossa natureza curada e purificada.

Desta forma então, enquanto nosso autor se vangloria com sua doutrina que defende os direitos da natureza, dizemos que o melhor meio de defender a causa de Deus é proclamá-lo ao mesmo tempo como nosso Criador e nosso Salvador, pois, ao proclamar que a natureza é sã e goza de toda a integridade de suas forças, torna-se inúteis a obra e o socorro do Salvador.

[120] Romanos 5: 5.

Capítulo 50

Deus não ordena o impossível.

Eu só posso aprovar o que acrescenta nosso autor: “Deus, que é tão bom quanto justo, criou o ser humano capaz, se ele quiser, de não conhecer o mal do pecado”.

De fato, ninguém ignora que o ser humano foi criado são, inocente, dotado de livre arbítrio e podendo viver na justiça. Mas hoje tratamos do ser humano decaído, deixado meio morto no caminho pelos ladrões e que, coberto de graves feridas, não pode voltar ao topo da justiça, como ele pôde descer. Feliz daquele que foi recolhido, levado à hospedaria, tratado e curado[121].

Desta forma, Deus não ordena o impossível e, ao nos ordenar, ele nos diz para fazermos o que podemos e pedir o que não podemos. Resta saber a causa pela qual podemos e aquela pela qual não podemos.

Nosso autor responde: “Não depende da vontade o poder que provém da natureza”. Eu digo: “Na verdade, é por sua vontade que o ser humano não é justo, se a natureza pode torná-lo assim. Mas com o remédio da graça, ele poderá conseguir o que não pode por causa do vício”.

[121] Cf. Lucas 30-34.

Capítulo 51

Sem a fé em Cristo não há libertação do pecado.

Por que nos prender em mais detalhes? Vamos ao coração da questão; a única ou quase a única a ser debatida com nossos adversários.

Nosso próprio autor concorda: "Não se trata, no momento, de saber se houve ou se há neste mundo pessoas sem pecado, mas se elas puderam ou podem ser sem pecado".

Do meu lado, sem afirmar se houve ou se há, eu sustento que ninguém pôde ou pode ser sem pecado, a menos que tenha sido justificado pela graça de Deus, por intermédio de Jesus Cristo Nosso Senhor, morto na cruz.

A fé que nos cura é a mesma que curou os justos da antiguidade, ou seja, a fé no Mediador único entre Deus e os seres humanos: Jesus Cristo, Deus e humano. A fé em sua morte e em sua ressurreição. *Animados com este espírito de fé, também nós acreditamos e por isso falamos*[122].

Capítulo 52

A ambiguidade de Pelágio.

Vejamos então o que ele responde à questão que ele coloca para ele mesmo e sobre a qual ele só pode atrair protestos dos católicos.

[122] 2 Coríntios 4: 13.

“O que incomoda muitos cristãos, você me dirá, é ouvir você afirmar que não é pela graça de Deus que o ser humano pode ser sem pecado”.

Sim, sem dúvida, é isto o que incomoda. É isto o que censuramos. Ele próprio admite que esta proposição nos revolta e, apesar de todo amor que temos uns pelos outros, só podemos sofrer, quando uma tese assim é defendida por cristãos.

Agora, veja como ele acredita se livrar da objeção que lhe é colocada: “Ó cegueira da ignorância! Ó vergonha da inteligência sem cultura e que pretende que afirmamos que uma coisa pode existir sem a graça de Deus, quando não deixamos de repetir que ela só tem Deus como autor!”, ele clama.

Se não soubéssemos o que vem a seguir e atendo-nos unicamente a estas palavras, poderíamos acreditar que demos ouvido a boatos contra os pelagianos, deixando-nos levar por testemunhos e opiniões de alguns irmãos.

De fato, podemos afirmar com o máximo de brevidade e verdade, que a possibilidade de não pecar, por maior que ela seja ou possa ser no ser humano, não pode vir de Deus?

De nosso lado, é isto o que não deixamos de repetir. Dê-nos então a mão.

Capítulo 53

Outras comparações e argumentos de Pelágio.

Temos mesmo que ler o resto? Sim, certamente, para refutar seus erros e nos preservar deles.

Ele diz: “Quando afirmamos que o ser humano pode viver sem pecado, nós atribuímos esse poder unicamente ao livre arbítrio, mas também ao autor de nossa natureza, ou seja, Deus. Como então nos acusam de negar à graça de Deus o que declaramos pertencer diretamente a Deus?”

Começamos a vislumbrar seu pensamento, mas, para evitar que nos enganemos, vejamos os desdobramentos mais explícitos ainda. Ele prossegue: “Para nos fazer compreender melhor, estendamos um pouco a discussão. Dissemos que a possibilidade de uma coisa repousa, não tanto sobre o poder do livre arbítrio, mas sobre a própria constituição de nossa natureza”.

Ele apoia sua proposição em exemplos ou comparações. Ele diz: “Por exemplo, eu posso falar. Este poder de falar não vem de mim. O que me pertence propriamente é o que eu digo e o que eu digo só depende de minha vontade, segue-se que eu permaneço perfeitamente o senhor do falar ou do não falar. Quanto ao próprio poder de falar, ele não vem de mim, ou seja, do meu livre arbítrio e de minha vontade, mas, necessariamente, ele está sempre em mim e, bem

ou mal, eu terei sempre esse poder de falar, a menos que corte fora minha língua, instrumento indispensável à palavra".

Eu poderia citar muitas circunstâncias nas quais, se ele quiser, o ser humano pode se retirar a possibilidade de falar, sem precisar, para isso, cortar fora sua língua.

Suponha que uma pessoa faça algo que lhe retira a voz. Ela não poderá mais falar, embora o órgão destinado à palavra ainda esteja com ela, pois a voz humana não é um órgão. Para que a voz desapareça, não é necessário extirpar a língua; basta que um órgão interno esteja seriamente lesado.

Para evitar polemizar sobre palavras, pois ele poderia talvez me dizer que lesar é extirpar, me bastaria observar que o mutismo acontecerá se, com a ajuda de amarras, fecha-se a boca de uma maneira tal que não seja mais possível abri-la, o que não acontece quando este órgão está em seu estado natural.

Capítulo 54

A necessidade se concilia com o livre arbítrio da vontade.

Esta questão, aliás, é para nós sem importância, mas, vejamos a conclusão que o autor tira dela. Ele diz: "Tudo o que se impõe a nós, em virtude de uma necessidade natural, exclui, por isso mesmo, a livre vontade e a deliberação".

Isto é outra questão. De fato, para nós é uma necessidade natural querer ser feliz. Segue-se daí que nossa vontade seja estranha a esse impulso? Assim também, Deus não pode pecar. Diremos que a justiça é para ele não um ato de vontade própria, mas uma verdadeira necessidade?

Capítulo 55

A vontade humana influencia até mesmo o campo da necessidade natural.

Vejamos igualmente o que se segue. Ele diz: "Podemos sentir, pelos ouvidos, o olfato ou a visão, o que está em nosso poder ouvir, cheirar e ver. Quanto ao próprio poder de ouvir, cheirar ou ver, não depende de nós, já que isto é, para cada ser humano, uma necessidade natural".

Ou eu não compreendo o que ele diz ou ele mesmo não compreende. Como então a possibilidade de ver não está em nosso poder, se a necessidade de não ver está em nossas mãos, já que podemos arrancar nossos olhos e, com isso, nos colocar na impossibilidade de ver?

Da mesma forma, como está em nosso poder ver, se quisermos, já que, mesmo tendo a integridade da natureza de nossos corpos e de nossos olhos, não podemos ver tudo o que gostaríamos, seja por que

não temos luz durante a noite, seja por que estamos presos em um lugar escuro?

Assim também, se o poder de ouvir ou de não ouvir é para nós uma necessidade tal da natureza, que ele não depende de forma alguma de nós, enquanto que o próprio ato de ouvir ou de não ouvir dependeria inteiramente de nossa própria vontade, por que ele não observar que somos condenados, independente de nossa vontade, a ouvir um grande número de coisas que, apesar da resistência de nossos ouvidos, penetram até nossos corações, como o ruído estridente de uma lima perto de nós ou o guinchar de um porco?

Se o próprio ato de fechar as orelhas prova que não está em nosso poder não ouvir, quando nossas orelhas estão abertas, isso prova igualmente que está em nosso poder nos colocarmos na impossibilidade de ouvir.

Quanto ao que ele quer nos dizer sobre o olfato, ele não percebe que ele mesmo não compreende, quando afirma "que não está em nosso poder o poder de cheirar ou de não cheirar, mas está em nosso poder", ou seja, depende de nossa livre vontade, "o ato de cheirar ou não cheirar".

Vamos nos imaginar no meio de odores fortes e ruins e com as mãos firmemente presas. Gozaríamos da perfeita integridade de nossos órgãos e, no entanto, mesmo querendo não cheirar, cheiraremos,

apesar de não querermos. De fato, não somos forçados a respirar e, ao respirar, aspirar os odores?

Capítulo 56

A ajuda da graça na integridade da natureza.

Todas estas comparações são falsas e o princípio que as inspira é um erro. Ele continua: "Devemos dizer, sempre que possível, para não pecar, pois depende de nós não pecar, mas não depende de nós o poder de não pecar".

Se ele falasse da natureza humana em toda sua integridade, eu ainda compreenderia, mas essa integridade está perdida para nós. *Por que pela esperança é que fomos salvos. Ora, ver o objeto da esperança já não é esperança; por que o que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que o aguardamos*[123].

No entanto, mesmo falando da natureza humana tal como ela era na origem, ainda assim não seria correto dizer que não depende de nós não pecar, embora o pecado seja nossa obra própria, pois, antes de sua queda, o ser humano recebia a ajuda de Deus e o Senhor era, para os seres humanos de boa vontade, o que a luz é para os olhos.

[123] Romanos 8: 24 e 25.

Mas nosso autor fala do nosso estado atual, em que *o corpo corruptível torna pesada a alma e a morada terrestre oprime o espírito carregado de cuidados*[124] .

É por isso que eu não me espanto muito quando, rejeitando toda ajuda de Nosso Salvador, ele ousa pensar que depende de nós não pecar, enquanto que, quando se trata do próprio poder de não pecar, ele o atribui à natureza que aparece tão manifestamente viciada que é preciso ter chegado ao cúmulo da decadência para não ver essa própria decadência.

Capítulo 57

Com as pernas quebradas não se pode caminhar.

Ele diz: "Já que depende de nós não pecar, podemos pecar ou não pecar".

O que ele responderia então se alguém lhe perguntasse: "Já que depende de nós não querer a infelicidade, podemos não querê-la e querê-la?" No entanto, é certo que não podemos querê-la. Quem poderia querer ser infeliz, embora talvez se trate da maneira de se tornar infeliz sem querer?

Depois, como não poderia ser o caso de pecar, quando se fala de Deus, ousaríamos dizer que ele pode pecar e não pecar? Longe de nós dizermos que Deus pode pecar!

[124] Sabedoria 9: 15.

Não seria loucura pensar que Deus não é onipotente por que ele não pode morrer e nem negar a ele mesmo?[125] O que pretende então esse autor e com que regras da retórica ele pretende nos convencer do que ele nem mesmo quer examinar?

Ele acrescenta: "Já que não depende de nós poder não pecar, se queremos poder não pecar, não podemos não poder não pecar". Uma combinação assim de palavras torna a frase quase incompreensível. Seria mais simples dizer: "Já que não depende de nós poder não pecar, querendo ou não querendo, nós podemos não pecar".

Ele não diz: "Querendo ou não querendo, não pecamos", pois, seguramente, pecamos se queremos e, no entanto, querendo ou não querendo, temos, segundo ele, a possibilidade de não pecar, pois ele afirma que essa possibilidade é inerente à nossa natureza.

Tratando-se de uma pessoa com os pés válidos, nada nos impediria dizer que, ela querendo ou não, ela tem a possibilidade de caminhar. Mas se ela tiver os pés quebrados, independente dela, ela deixa de ter o poder de caminhar.

Ora, a natureza que examinamos é uma natureza decaída e viciada. *De que se orgulha o que é terra e cinza?*[126] Ela é viciada, então, que ela implore ao médico: *Salvai-nos, Senhor*[127]; *Senhor! Cu-*

[125] Cf. 2 Timóteo 2: 13. *Se, porém, o renegarmos, ele nos renegará*.
[126] Eclesiástico 19: 9.
[127] Salmo 11: 2.

rai-me, por que pequei contra vós[128]. Por que sufocar estes gritos e impedir a cura futura, sustentando a possibilidade presente de não pecar?

Capítulo 58

Os santos e os justos resistem à graça.

Veja o que ele apresenta como prova: "Nenhuma vontade pode destruir o que foi inseparavelmente gravado na natureza".

Donde vem então estas palavras: *É por isso que não fazeis o que quereríeis*[129]. E estas outras: *Não faço o bem que quero; mas, o mal que odeio, isso eu faço*[130]. *Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero*[131].

No que se tornou essa possibilidade inseparavelmente gravada na natureza? Eis que as pessoas fazem o que não querem e é do pecado que se trata e não do poder de se lançar pelos ares, pois o Apóstolo se dirigia a pessoas e não a pássaros. Eis o ser humano que não faz o bem que quer e faz o mal que não quer, pois nele, *não habita o bem, por que o querer o bem* está nele, mas ele não é *capaz de efetuá-lo*[132].

---

[128] Salmo 40: 5.
[129] Gálatas 5: 17.
[130] Romanos 7: 15
[131] Romanos 7: 19.
[132] Romanos 7: 18.

O que se tornou essa possibilidade inseparavelmente gravada na natureza? Se você nega que o Apóstolo tenha podido dizer isso dele mesmo, pouco importa o resto, pois é isto o que ele disse do ser humano.

Ora, ele recusa à natureza humana essa inseparável possibilidade de não pecar. Este é o sentido imediato destas palavras e se o alcance delas é ignorado por quem fala, ele não o é por aquele que, dirigindo-se a fiéis muito pouco desconfiados, tende a nada menos do que destruir a graça de Jesus Cristo, ao proclamar que a natureza humana se basta para possuir a justiça.

Capítulo 59

Para Pelágio a graça é a possibilidade natural de não pecar, implantada por Deus no ser humano.

Diante de um discurso assim, os cristãos indignados e em nome de sua própria salvação clamam e perguntam: “Por que então você diz que, sem a ajuda da graça de Deus, o ser humano pode não pecar?”

E o autor, como que para acalmar essa muito justa indignação, responde: “A possibilidade de não pecar repousa menos no poder do livre arbítrio do que em uma necessidade da natureza. Tudo o que constitui a essência da natureza remonta, por isso mesmo, ao autor da natureza, ou seja, a Deus. Como então ousam nos acusar de conside-

rar estranho à graça de Deus o que eu demonstro, pelo contrário, se reportar diretamente a Deus?”.

Estas palavras nos revelam, enfim, o fundo de seu pensamento, que, até então, tinha permanecido um mistério para nós. Ele atribui à graça de Deus a possibilidade de não pecar, no sentido de que Deus é o autor da natureza humana e que, nessa natureza, ele gravou inseparavelmente a possibilidade de não pecar.

Por consequência, o ser humano faz o que ele quer, já que ele não age quando não quer agir. No momento em que ele é dotado dessa inseparável possibilidade, não poderia ser questão para ele de fraqueza da vontade, ou melhor, de ausência de vontade ou de perfeição.

Mas, se for assim, como pode o Apóstolo dizer: *O querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo*[133]?

Se o autor que refuto tivesse falado da natureza humana tal como ela foi criada, ou seja, com toda sua força nativa e com toda sua inocência, poderíamos aceitar seus princípios, fazendo algumas reservas, no entanto, sobre o que ele chama de *uma inseparável possibilidade*, que tem mais o sentido de uma possibilidade inadmissível; possibilidade que, neste sentido, não existia, já que nossa natureza podia ser viciada e podia precisar de um médico que curasse os olhos da cegueira e nos devolvesse a possibilidade de ver, que nos

[133] Romanos 5: 18.

tinha sido retirada pela cegueira. Eu suponho, de fato, que todo cego gostaria de enxergar, mas que não pode. Se então, ele quer e não pode, ele tem a vontade, mas a possibilidade lhe foi arrebatada.

Capítulo 60

Pelágio diferencia as naturezas dos batizados e dos não batizados.

Veja também que obstáculos ele tenta superar, para sustentar sua opinião. Ele se coloca esta questão: "Mas, você dirá, segundo o Apóstolo a carne é contrária a nós"[134].

Ele mesmo responde: "Como pode ser que a carne seja contrária a uma pessoa batizada, já que, segundo o mesmo Apóstolo, a pessoa batizada não está mais na carne? Eis o que o Apóstolo diz: *Vós, porém, não estais mais na carne, mas no espírito*[135]".

O autor afirma então, de uma maneira formal, que a carne não pode ser contrária àqueles que são batizados e verificaremos a verdade desta proposição no capítulo seguinte. Neste momento, como ele não pode se esquecer completamente de que é um cristão, embora tenha apenas uma fraca lembrança disto, ele não se coloca mais, com o mesmo ardor, o campeão da natureza.

---

[134] Cf. Gálatas 5: 17. *Os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros.*
[135] Romanos 8: 9. *Vos autem in carne non estis, sed in spiritu*.

O que se torna então nossa inseparável possibilidade? Por acaso os não batizados não possuem a natureza humana? Que ele tome cuidado e redobre sua atenção.

Ele diz: “Como pode ser que a carne seja contrária a uma pessoa batizada?” A carne não pode, então, lutar contra uma pessoa batizada.

Questionamos este ponto da explicação, pois as pessoas batizadas possuem a natureza humana cuja defesa ele assume tão calorosamente.

Ele admite então que essa natureza foi viciada, já que ele fala do batismo, que eu compararia de bom grado à hospedaria do Evangelho, de onde se sai perfeitamente curado dos ferimentos recebidos e onde se pernoita para obter, com a ajuda do bom samaritano, uma cura completa[136].

Ora, se ele admite que, nas pessoas batizadas, a carne provoca perturbação, que ele nos diga como isso pode acontecer, já que a carne e o espírito são ambos obra de um único e mesmo Criador e, nesta condição, obra boa e santa.

Não é preciso que essa perturbação tenha por causa um vício, fruto infeliz de uma vontade perversa? E, para que esse vício seja curado, temos absoluta necessidade do socorro Daquele que, após ter sido nosso Criador, teve que se tornar nosso Salvador.

[136] Cf. Lucas 10: 30-35.

Esse socorro, esse remédio trazido pelo Verbo feito carne para habitar no meio de nós[137], se confessamos que é necessário aos pequenos e aos grandes, às crianças e aos idosos, que cesse toda controvérsia; a questão está resolvida.

Capítulo 61

A carne é contrária até aos batizados.

Vejamos agora se nas Escrituras lemos que a carne é contrária até aos batizados. Onde e a quem o Apóstolo disse isto? *Os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*[138].

Foi aos gálatas que ele dirigiu estas palavras e, no entanto, foi a eles que ele havia dito poucos instantes antes: *Aquele que vos dá o Espírito e realiza milagres entre vós, acaso o faz pela prática da Lei, ou pela aceitação da fé?*[139]

Está claro que o Apóstolo fala a cristãos, a pessoas a quem Deus tinha concedido seu Espírito; portanto, a pessoas batizadas. Eis então que, mesmo em pessoas batizadas, a carne conspira contra e não se encontra mais essa possibilidade que o autor nos apresentou como inseparavelmente gravada em nossa natureza.

---

[137] Cf. João 1: 14.
[138] Gálatas 5: 17.
[139] Gálatas 3: 5.

Como fica então sua questão: "Como pode ser que a carne seja contrária a uma pessoa batizada?" Seja de que maneira for que se entenda o termo *carne*, é preciso admitir que ele não designa nossa natureza, pois essa natureza, como tal, é boa. Por consequência, trata-se aqui apenas dos vícios carnais da carne.

Seja como for, a carne nos é claramente descrita como contrária às pessoas batizadas. E como ela lhes é contrária? No sentido de que essas pessoas não fazem o que querem.

A vontade está na natureza humana, mas no que se tornou essa possibilidade da natureza?

Admitamos então a necessidade da graça e clamemos: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*[140] E que nos seja respondido: *A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*[141]

Capítulo 62

Não se deve confundir a graça da criação com a graça da redenção.

Continuamos dizendo: por que insistir que, sem a ajuda da graça de Deus, o ser humano pode existir sem pecado? A graça sobre a qual falamos não é aquela que Deus fez ao nos criar, mas aquela que ele nos fez ao nos resgatar, através de Jesus Cristo Nosso Senhor.

[140] Romanos 7: 24.
[141] Romanos 7: 25. *Gratia Dei per Jesum Christum Dominum nostrum*.

De fato, o que dizem os fiéis em suas preces cotidianas? *Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal*[142].

Se eles tivessem a possibilidade de não pecar, por que eles pediriam isto? De que mal, sobretudo, eles pedem para serem livrados, se não é principalmente *deste corpo que acarreta a morte*? Do qual eles só podem ser libertados através da *graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor*.

Não se trata também da substância do corpo, pois ela é boa propriamente, mas dos vícios carnais dos quais o ser humano só pode se livrar através da graça do Salvador, mesmo que, pela morte física, a alma se encontre separada do corpo.

Para tornar a conclusão mais evidente, o Apóstolo teve o cuidado de antes colocar seus princípios. *Sinto nos meus membros outra lei, que luta contra a Lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*[143]. Este é o vício que a desobediência da vontade infligiu à natureza humana. Que nos deixem então rezar para obtermos nossa cura.

Mas, enfim, sobre o que se pode apoiar, para presumir assim a possibilidade que se supõe em nossa natureza? Ela está ferida, machucada, dilacerada, perdida. O que ela precisa, não é de panegiristas mentirosos, mas de uma confissão libertadora.

---

[142] Mateus 6: 13.
[143] Romanos 7: 23.

De que nos serve falar da graça da criação? O que precisamos é da graça da reparação. No entanto, longe de considerar essa graça necessária, nosso autor não se digna nem mesmo a falar dela.

Se, no entanto, ele não tivesse feito a graça de Deus intervir no debate, se ele não tivesse introduzido a questão da graça, nós teríamos, do nosso lado, podido manter silêncio e supor, sobre este ponto, que ele tinha convicções cristãs.

Mas, foi ele mesmo que levantou essa questão da graça e expôs abertamente suas ideias sobre este ponto. Agora, a questão está claramente colocada; não como nós gostaríamos, mas como quiseram os doutos que nos inspiraram suas opiniões.

Capítulo 63

Deus criou a carne e o espírito para que vivessem num belo equilíbrio.

Invocando em seguida um grande número de passagens do Apóstolo, ele se esforça para mostrar __ o que não está em questão __ que, na linguagem apostólica, a carne deve ser vista, não como uma substância, mas como sinônimo das obras da carne.

O que nos importa isso, aliás? Dizemos que os vícios da carne combatem a vontade humana. Não acusamos a própria natureza, mas pedimos um médico para curar esses vícios.

O que significam estas questões que ele se coloca?

“Quem criou o espírito humano?” Ele logo responde: “Foi Deus, sem dúvida”.

Ele também pergunta: “Quem criou a carne?” “Foi o mesmo Deus”, ele responde.

“Esse Deus que criou a carne e o espírito, não é, essencialmente, bom?” “Seguramente”.

“O que ele criou, em sua bondade, não é bom?” “Não podemos duvidar disso”.

Ele conclui: “Se então, o espírito é bom e a carne é boa, tendo sido criados por um Deus bom, como pode ser que estes dois bens se combatam?”

Deixo de dizer que esta argumentação engenhosa seria prontamente derrubada, se alguém colocasse esta simples questão: “Quem criou o frio e o calor?” Ele responderia, sem hesitar: “Foi Deus”.

Pois bem! Sem mais interrogatório, eu lhe peço para dizer se o frio e o calor não são bens ou se não é evidente que eles se combatem. Talvez ele responda: “O frio e o calor são apenas qualidades e não substâncias”.

Isto é verdade, mas, pelo menos eles são qualidades naturais, que pertencem, sem nenhuma dúvida, a uma criatura de Deus. Ora, não é precisamente por elas mesmas, mas por suas qualidades, que as substâncias, como a água e o fogo, se combatem.

E se fosse assim com a carne e o espírito? No entanto, não afirmamos isto; só o dizemos para mostrar que sua argumentação não é conclusiva logicamente.

Duas coisas contrárias podem não se combater, mas apenas se temperar reciprocamente e produzir a saúde. Como, no corpo, a secura e a umidade, o frio e o calor. Da mistura destas qualidades resulta um estado temperado que produz a saúde.

Mas, quando se trata da luta estabelecida entre a carne e o espírito, que acontece de uma maneira tal que não fazemos o que queremos, este é um vício e não um estado natural.

Busquemos a graça medicinal e encerremos a controvérsia.

Capítulo 64

A contradição deveria levar Pelágio a reconhecer a graça.

O espírito e a carne são dois bens criados por Deus. De acordo com o raciocínio do autor, eles deveriam estar em acordo. Como então ele admite que eles podem se combater nos infiéis? Ele vai lamentar ter pronunciado estas palavras, que, sem dúvida, lhe ditaram um certo sentimento da fé cristã?

Ao dizer: “Como a carne pode combater em uma pessoa batizada?”, ele admite implicitamente que ela pode combater em um infiel. Não fosse assim, por que essa distinção entre a pessoa batizada

e a infiel? Sobretudo quando essa distinção destrói na base toda sua argumentação.

Convido então esses infiéis em que ele acredita possível a luta da carne contra o espírito a lhe opor suas próprias argumentações e lhe dizer: “Quem criou o espírito humano?” Ele responderá: “Foi Deus”. “Quem criou a carne?” Ele responderá: “Foi Deus”. “Aquele que criou o espírito e a carne é um Deus bom?” “Sem nenhuma dúvida”, ele responderá. Por fim: “O que um Deus bom criou, é bom, necessariamente?” E ele admitirá que o espírito e a carne são bons.

Mas então, perfurando-o com sua própria espada, eles voltarão contra ele sua conclusão e lhe dirão: “Se o espírito e a carne são bons, por que foram criados por um Deus bom, como pode ser que dois bens se combatam?”

Talvez ele responda: “Perdoem-me, pois eu não deveria ter dito que a carne pode combater uma pessoa batizada. Isto é admitir que ela pode combater vocês mesmos. Eu deveria afirmar, de uma maneira absoluta, que a carne não está em luta contra ninguém”.

Estas são, portanto, as armadilhas que ele arma contra ele mesmo. É isto o que diz aquele que não quer clamar com o Apóstolo: *Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

Ele então argumenta: “Mas, por que eu clamaria isto? Eu que sou batizado em Jesus Cristo? Este clamor só convém àqueles que

não receberam este benefício, cuja voz o Apóstolo se apropriou, supondo mesmo que eles deram esse grito".

Mas todo seu discurso não passa de uma justificação da natureza e os próprios pagãos não têm, segundo ele, que proclamar essas queixas.

Não se pode pretender que a natureza seja uma naqueles que são batizados e outra naqueles que são infiéis.

Se ele concorda que nos infiéis a natureza está viciada, de uma maneira que eles têm motivo para clamar: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?* e que eles só podem esperar o socorro da *graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor*, que ele admita então, por fim, que a natureza humana tem necessidade de ser curada por Jesus Cristo.

Capítulo 65

O corpo de morte.

Eu pergunto então onde a natureza humana perdeu essa liberdade que ela reclama com ansiedade quando clama: *Quem me livrará*?

Certamente que não é da própria substância da carne que o Apóstolo acusa, quando ele pede para ser libertado do *corpo de morte*, pois a substância do corpo, como a da alma, é obra de um Deus bom.

Quando então ele reclama, isso só pode ser dos vícios do corpo. Quanto ao próprio corpo, a morte nos separa dele. Quanto aos vícios que ele contraiu, eles aderem à nossa personalidade e merecem os castigos que o rico mau encontrou no inferno[144]. Disto não pode se livrar aquele que clama: *Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*

No entanto, embora o ser humano tenha perdido essa liberdade, resta-lhe esta possibilidade inseparável da natureza, mencionada pelo autor: ele tem o poder de agir com sua força natural; ele tem o poder de querer com seu livre arbítrio.

Por que então ele pede o sacramento do batismo? É por causa dos pecados cometidos, para obter seu perdão, embora eles não possam produzir nenhuma solidariedade? Deixe esse pobre homem continuar a pedir o que ele pediu.

O que ele deseja não é, de fato, apenas não ser punido por seus pecados passados, mas também não se sentir mais tão violentamente arrastado para o mal. De fato, ele se regozija com a Lei de Deus em seu íntimo, mas ele vê em seus membros outra lei que combate a Lei em seu espírito. Essa lei não é para ele uma lembrança do passado, mas algo atual e imediato. É o presente que o esmaga e não apenas o passado que o afeta.

[144] Cf. Lucas 16: 22-26.

Não somente ele sente nele mesmo esse combate, como se vê cativo pela lei do pecado e essa lei não é uma lembrança, pois ela tem toda a força da realidade. Daí vem o clamor: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte?*

Deixe-o rezar, deixe-o invocar o socorro de seu médico onipotente.

De onde lhe vem a contradição? De onde lhe vem a reprovação? Será possível que sejam cristãos que o impedem, em sua miséria, de implorar pela misericórdia de Jesus Cristo? Não caminhariam com o Salvador aqueles que impedissem o cego de pedir a luz com seus gritos.

Mas, apesar do tumulto e da oposição, Jesus Cristo ouviu sua prece. Então veio a resposta: *A graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor!*

Ora, se eles concedem, para aqueles que não são ainda batizados, o direito de implorar o socorro da graça do Salvador, isto não é, da parte deles, uma contradição flagrante com a doutrina tantas vezes professada por eles da suficiência da natureza e do poder do livre arbítrio?

Como, de fato, pode ser autossuficiente aquele que não deixa de clamar: *Homem infeliz que sou! Quem me livrará?* Quando se pede para ser libertado, pode-se entender que se goza de uma liberdade perfeita?

Capítulo 66

A graça é necessária a todos, batizados ou não batizados.

Vejamos em seguida se aqueles que são batizados fazem o bem que querem sem nenhum impedimento da concupiscência da carne.

O que poderíamos dizer está resumido por nosso autor nas próprias conclusões da passagem que estudamos.

Ele diz: "Como dissemos, as palavras: *Os desejos da carne se opõem aos do Espírito*, não devem ser entendidas como se referindo à substância da carne, mas aos vícios e às obras da carne".

Nós também não falamos da substância da carne, mas das obras que vêm da concupiscência carnal, ou seja, do pecado contra o qual o Apóstolo nos dirige esta proibição: *Não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites*[145].

Capítulo 67

Quem é aquele que está sob a Lei?

Que o autor queira observar bem que foi aos batizados que foi dito: *Os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*[146].

[145] Romanos 6: 12.
[146] Gálatas 5: 17.

E, para que os fracos não utilizem estas palavras como desculpas para se deixarem levar por suas paixões, o Apóstolo logo acrescenta: *Se, porém, vos deixais guiar pelo Espírito, não estais sob a Lei*[147].

Está sob a Lei aquele que unicamente por medo do castigo ameaçado pela Lei e não por amor à justiça se abstém das obras do pecado, embora ainda se sinta sob o jugo da vontade de pecar. Esta vontade formal basta para torná-lo culpado, pois, se ele pudesse, ele destruiria todo motivo para o medo, para realizar livremente o que ele deseja secretamente.

Então, diz o Apóstolo: *Se, porém, vos deixais guiar pelo Espírito, não estais sob a Lei*, a lei que provoca o terror e não gera o amor. Este amor é *o amor de Deus* que *foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[148] e não pela letra.

Esta lei é, portanto, a lei da liberdade e não da servidão, por que é a lei do amor e não do medo. É dela que o apóstolo São Tiago diz: *Aquele que procura meditar com atenção a lei perfeita da liberdade e nela persevera __ não como ouvinte que facilmente se esquece, mas como cumpridor fiel do preceito __, este será feliz no seu proceder*[149].

---

[147] Gálatas 5: 18.
[148] Romanos 5: 5.
[149] Tiago 1: 25.

É isto o que nos explica por que São Paulo, invés de se deixar assustar pela Lei de Deus como um escravo, se comprazia com esta Lei em seu íntimo; o que não o impedia de ver em seus membros outra lei que combatia a Lei de seu espírito.

O mesmo pensamento está reproduzido nestas outras palavras: *Se, porém, vos deixais guiar pelo Espírito, não estais sob a Lei*. Quanto mais somos conduzidos pela Lei do Espírito, menos estamos sob o jugo da Lei, por que, quanto mais se compraz na Lei de Deus, menos se está sob o medo da Lei.

O medo é um tormento e não um prazer. *No amor não há temor. Antes, o perfeito amor lança fora o temor, por que o temor envolve castigo e quem teme não é perfeito no amor*[150].

Capítulo 68

Entre os católicos e os pelagianos está o grande muro da oração.

Se então, sentimos a necessidade de dar graças a Deus pela cura de alguns membros, da mesma forma devemos pedir a cura dos outros, para que, possuindo todos uma saúde o mais perfeita possível, desfrutemos com toda liberdade da inefável doçura do amor divino.

De fato, não negamos que a natureza humana possa ser sem pecado, que ela possa se aperfeiçoar e que ela se aperfeiçoa realmen-

[150] 1 João 4: 18.

te. Mas afirmamos que, de forma alguma, isso pode acontecer sem a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor. Com a ajuda dessa graça, essa natureza se torna justa e feliz. De maneira que, é Deus quem a transforma, assim como foi Deus quem a criou.

É fácil então refutar a objeção que o autor proclama: "O demônio nos combate". A isto respondemos, como ele mesmo afirmou: "Resista e ele fugirá. Como disse o apóstolo Tiago: *Resistam ao demônio e ele fugirá para longe de vocês*[151]. Estas palavras nos mostram como o demônio pode arruinar aqueles que ele afugenta ou que poder pode possuir esse espírito mau que só pode se prevalecer sobre aqueles que não resistem a ele".

Eu aprovo totalmente este discurso, pois não se poderia dizer nada melhor do que isto. Mas, entre nós e os pelagianos há esta diferença: mesmo resistindo ao demônio, não somente podemos como devemos implorar o socorro divino. É isto o que ensinamos claramente. Os pelagianos, pelo contrário, atribuem toda essa resistência à vontade humana, de tal sorte que a prece é apenas um detalhe necessário à vida santa.

É para resistir ao demônio e afastá-lo para longe de nós que dirigimos a Deus esta prece: *Não nos deixeis cair em tentação*[152].

[151] Tiago 4: 7.
[152] Mateus 6: 13.

Capítulo 69

O equivocado silêncio de Pelágio sobre a graça.

Alguns diriam: “Quem não gostaria de ser sem pecado, se este feliz estado estivesse em poder do ser humano?”

O autor responde, com muita propriedade: “Esta objeção prova precisamente a possibilidade em questão, pois muitas pessoas __ e, eu diria, todos __ gostariam de ser sem pecado”.

Só lhe resta dar mais um passo e teremos a paz. Que ele admita o que pode nos fazer sem pecado: é a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor. Mas, até então, ele se recusa a dizer que, se podemos viver sem pecado, é com a ajuda dessa graça que imploramos em nossas preces.

Ele pode até estar, interiormente, de acordo conosco, mas, até prova em contrário, que ele nos permita duvidar disso. Por que então, em um tema que levanta contra ele uma reprovação tão grande, se dar o direito de confessar e dizer o contrário do que ele pensa?

Ao estimulá-lo a se pronunciar, pede-se a ele um sacrifício tão grande, já que, assumindo o papel de seus adversários, ele se propôs refutar e esclarecer o erro?

Por que tanto esforço unicamente em favor da natureza? Por que sustentar que, em virtude de sua própria criação, o ser humano poderia, se quisesse, viver sem pecar, de tal sorte que a possibilidade

de não pecar decorre, para o ser humano, única e exclusivamente do privilégio e da graça de sua criação.

Por consequência, a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor, não tem nenhum caráter de necessidade, seja para curar nossa natureza viciada, seja para ajudá-la em sua deficiência.

Capítulo 70

Existe uma só pessoa sobre a terra que seja sem pecado?

Entre cristãos reais e pios, pode-se perguntar se nesta vida houve, há ou pode haver uma só pessoa que viva em uma justiça tão perfeita que não seja capaz de nenhum pecado. Colocar esta questão com relação a pessoas que já deixaram este mundo, seria o cúmulo da tolice.

Quanto a mim, eu não quero estabelecer esta questão nem mesmo para a vida presente. Minha convicção pessoal está suficientemente formada pela clareza destas palavras: *Ninguém que viva é justo diante de vós*[153] e muitos outros testemunhos semelhantes.

No entanto, eu ficaria feliz se pudessem me demonstrar que estas palavras podem ser interpretadas em um sentido mais favorável e que essa justiça plena e perfeita, à qual não se poderia acrescentar mais nada, era encontrada ontem, é encontrada hoje e será encontrada

[153] Salmo 142: 2.

amanhã, em pessoas ainda envolvidas pela miserável mortalidade humana.

Minha alegria seria grande mesmo se fôssemos obrigados a acrescentar que a maior parte das pessoas precisará, até o último dia de suas vidas, repetir sem cessar: *Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido*[154], colocando em Cristo e em suas promessas sua esperança verdadeira, certa e inabalável.

No entanto, eu não deixo de declarar que não posso considerar como cristão e tratar como tal, aquele que sustentasse que, sem a graça do Salvador Jesus crucificado e sem o dom do Espírito Santo, é possível ao ser humano chegar a uma completa perfeição ou mesmo a um grau qualquer de uma justiça verdadeira e sobrenatural.

Capítulo 71

Os pelagianos descaracterizam em seu favor o pensamento dos escritores cristãos.

O autor cita, em apoio à sua tese, um certo número de testemunhos, não das Santas Escrituras, mas de escritores católicos, para provar que não está só ao seguir a opinião que professa. Mas esses testemunhos são de tal ordem que não contradizem nem nossa doutrina e nem a dele.

[154] Mateus 6: 12.

Ele citou até mesmo algumas de minhas palavras, avaliando que teria prazer com a companhia dos autores que ele citou. Deixo registrada toda minha gratidão e a honra que ele me fez é um novo motivo que me pressiona a pedir que seus olhos se abram à verdade.

Quanto ao primeiro autor que ele citou[155], eu não pude verificar os textos, pois não consegui encontrá-los em suas obras, seja por que ele não os escreveu, seja por que o exemplar que possuo está alterado.

Como não me vejo obrigado a aceitar as palavras dos escritores com a mesma submissão que demonstro com relação às Escrituras canônicas, não me sinto de forma alguma abalado por esta proposição tirada dos escritos do autor, cujo nome não pronunciei: "Foi preciso que o mestre e doutor da virtude fosse em tudo semelhante ao ser humano, para que, ao triunfar sobre o pecado, ele ensinasse que o ser humano também pode vencer o pecado"[156].

O autor desta proposição poderia precisar seu sentido e alcance. No entanto, para nós é fora de dúvida que Cristo não teve pecado a ser vencido, pois, se ele nasceu com a semelhança da carne do pecado, ele não nasceu na carne do pecado.

Outra proposição do mesmo autor: "E, em seguida, para que, após ter domado os desejos da carne, ele nos ensinasse que o pecado não é para nós uma necessidade, mas um ato livre e voluntário". Pos-

[155] Lactâncio.
[156] Lactâncio. *De Divinis Institutionibus.* Liv. IV, cap. 24 e 25.

so supor que não se trata aqui dos desejos ilegítimos da carne, mas simplesmente dos desejos naturais, como a fome, a sede, o cansaço e outras necessidades semelhantes.

De fato, embora a satisfação dessas necessidades seja legítima, no entanto, ela é, para muitos, uma oportunidade para os pecados.

Ora, isto seguramente não foi o que aconteceu com o Salvador, embora ele tenha experimentado essas necessidades, em virtude de sua semelhança com a carne de pecado, que lhe é atribuída no Evangelho.

Capítulo 72

O testemunho de Santo Hilário.

Encontramos em seguida estas palavras do bem-aventurado Hilário: "Quando tivermos chegado à perfeição do espírito e quando estivermos revestidos pela imortalidade __ glorioso privilégio daqueles que têm o coração puro __ somente então contemplaremos o que é imortal em Deus"[157].

No que esta proposição ajuda nosso autor ou nos contradiz? Ignoro absolutamente; a menos que ele não veja para o ser humano a possibilidade de ter o coração puro.

[157] Hilário. *Sobre São Mateus*, V.

E quem de nós jamais duvidou disso, admitindo, portanto, a insuficiência do livre arbítrio e a absoluta necessidade da graça de Deus por Jesus Cristo Nosso Senhor?

Santo Hilário teria dito igualmente: "Quais livros poderia ter lido Jó, que lhe ensinaram a se abster de tudo o que é mau, pois ele servia ao Senhor com um espírito isento de vícios e servir a Deus é a função especial da justiça"[158].

Nestas passagens, Santo Hilário nos conta o que Jó fez[159], mas ele não diz que este patriarca tenha chegado à perfeição neste mundo e, sobretudo, está longe de afirmar que tudo o que Jó fez ou atingiu, ele o tenha feito ou atingido sem a graça do Salvador, cuja vinda e benesses ele profetizou.

Abstém-se de todo mal quem, mesmo experimentando o pecado nele mesmo, se recusa a se tornar seu escravo e repele todo pensamento culposo que não lhe permita chegar ao fim de sua obra.

Mas, uma coisa é não ter pecado; outra coisa é não obedecer aos seus desejos. Uma coisa é cumprir perfeitamente este grande preceito: *Não cobiçarás*[160]; outra coisa é fazer um esforço de mortificação para realizar em si pelo menos este outro preceito: *Não te dei-*

[158] Hilário. *Tract. in Gb*, fr. 2.
[159] Cf. Jó 1: 1.
[160] Êxodo 20: 17.

xes levar por tuas más inclinações[161]. No entanto, nestes dois casos, não devemos esquecer que nada podemos sem a graça do Salvador.

Praticar a justiça é, no verdadeiro culto a Deus, travar uma luta interior contra o mal da concupiscência e possuir a perfeição da justiça é não ter mais adversário. Aquele que combate corre sempre algum perigo e algumas vezes é até mesmo atingido, embora não seja derrubado. Aquele que não tem adversário goza de uma paz perpétua.

Se podemos dizer de alguém que, com toda verdade, é sem pecado, é daquele em quem não habita o pecado e não daquele que, ao se abster das obras más, ainda é obrigado a clamar: *Se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita*[162].

Capítulo 73

Ainda sobre o testemunho de Santo Hilário.

O próprio Jó não mantém silêncio sobre seus pecados e nosso amigo se regozija com razão ao ver que a humildade jamais se alia ao erro e à mentira. Daí se segue que as confissões de Jó são inspiradas pela verdade, já que ele mesmo é um verdadeiro servidor do Altíssimo.

[161] Eclesiástico 18: 30.
[162] Romanos 7: 20.

Comentando estas palavras do Salmo: *Desprezais os que se apartam de vossas leis, por que mentirosos são seus pensamentos*[163], Santo Hilário clama: "Se Deus desprezasse os pecadores, ele desprezaria todos os seres humanos, pois ninguém é sem pecado. Os que ele despreza são aqueles que se separam dele e que nós chamamos de apóstatas"[164].

Veja que Santo Hilário não se contenta em dizer, no passado, que ninguém era sem pecado. Ele afirma, no presente, que ninguém é sem pecado. Quanto às razões, eu não tenho que examiná-las.

Basta-me observar que, aquele que se recusa a acreditar no testemunho do apóstolo São João, que clama: *Se dizemos que não temos pecado* (e não que não tínhamos), *enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[165], se recusará com mais forte razão ainda a acreditar nas palavras de Santo Hilário.

Eu defendo então a graça de Jesus Cristo, sem a qual ninguém é justificado, qualquer que seja, afinal, o poder do livre arbítrio.

Mas o próprio Jesus Cristo, mais do que todos, afirmou a necessidade de sua graça. Aceitemos então estas solenes palavras: *Sem mim nada podeis fazer*[166].

---

[163] Salmo 118: 118.
[164] Hilário, sobre o Salmo 118: 118.
[165] 1 João 1: 8.
[166] João 15: 5.

Capítulo 74

Os testemunhos de Santo Ambrósio.

Na passagem que o autor cita de Santo Ambrósio[167], ele está certo de que este grande doutor combate aqueles que afirmam que o ser humano não pode existir sem pecado nesta vida. Para apoiar sua tese, ele cita o fato de que Zacarias e Isabel nos são apresentados no Evangelho como tendo caminhado sem falhar em todas as justificações da Lei.

Mas, em algum lugar se diz que este casal atingiu esta perfeição sem a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor? Não é certo que, mesmo antes da paixão do Salvador, as pessoas só foram justas pela fé em Jesus Cristo, único princípio de onde pode nos vir o Espírito Santo que nos foi dado e por quem o amor foi derramado em nossos corações?

Ora, não é unicamente pelo amor que os justos possuem a justiça?

Quanto à recepção do Espírito Santo, esse santo bispo afirma que nós só o obtemos com nossas preces. Daí se segue que a própria vontade, por ela mesma, não basta, a menos que ela seja ajudada pela graça. Não foi ele que compôs o cântico em que dizemos: "E ele atenda os desejos ardentes de merecer o Espírito Santo"[168]?

---

[167] Ambrósio. *Expos. in Ev. Lc* 1, 17.
[168] Ambrósio. Hino 3, 7-8.

Capítulo 75

Outro testemunho de Santo Ambrósio utilizável contra Pelágio.

Nosso autor citou de Santo Ambrósio o que ele quis. Que me seja permitido, em contrapartida, citar dele a seguinte passagem: "São Lucas escreveu: *Também a mim me pareceu bem*[169]. Parece-me que o que ele viu, outros devem ter visto igualmente. De fato, essa visão não depende unicamente da vontade humana, mas, sobretudo, d'*aquele que fala em mim*[170], do Cristo que, exclusivamente, nos torna capaz de ver o que é o bem. É ele que se apieda de nós e aquele de quem ele se apieda, ele chama. É por isso que aquele que segue Cristo, se for perguntado por que motivo quis ser cristão, responderá: *Pareceu-me bem*. Ele não nega, ao falar assim, o chamado preliminar de Deus, pois é por Deus que a vontade humana é preparada[171] e, para que Deus seja honrado por um santo, é preciso primeiro que esse santo tenha sido tocado pela graça de Deus"[172].

Se então, nosso autor sabe desfrutar das palavras de Santo Ambrósio, que ele professe com ele que é por Deus que toda vontade humana é preparada e, então, a questão que nos ocupa estará quase totalmente resolvida, pois não se tratará mais de saber a quem ou

---

[169] Lucas 1: 3.
[170] Cf. 2 Coríntios 13: 3. *Por que exigis a prova de que é Cristo que fala em mim*.
[171] Cf. Provérbios 8: 33 e 34. *Ouçam minha instrução para serem sábios; não a rejeitem. Feliz o homem que me ouve*.
[172] Ambrósio. *Expositio evangelii secundum Lucam*, 1, 10. Cf. Santo Agostinho. *O dom da perseverança*, cap. 19, seção 49.

quando é concedida a perfeição da justiça, que, em todos os casos, só pode acontecer através da graça de Jesus Cristo.

Depois, que motivo teve então nosso autor para citar somente uma frase de Santo Ambrósio?

Lemos: "Como a Igreja é formada pela união dos gentios, ou seja, dos pecadores, como ela poderia ser imaculada, se antes de tudo ela não tivesse sido purificada pela graça de Jesus Cristo e se ela não tivesse recebido o privilégio de não pecar e de não cair em nenhum erro? A Igreja não foi imaculada desde o princípio, pois este feliz estado ultrapassa as forças da natureza. Mas, ajudada pela graça de Deus e apoiada em suas próprias forças, ela deixa de pecar e se mostra realmente imaculada"[173].

Nosso autor se mantém em silêncio sobre estas últimas palavras e é muito fácil compreender a razão.

Todos os esforços dos santos neste mundo tendem a realizar na Igreja da terra essa pureza sem mácula que caracteriza a Igreja do céu, que não inclui nenhum pecador em seu seio, que não conhece a lei do pecado que combate a Lei do espírito, que, enfim, participa da própria santidade da vida divina.

Portanto, que nosso autor queira observar bem estas palavras de Santo Ambrósio, fundamentadas na própria autoridade das Santas

[173] Ambrósio. *Expositio evangelii secundum Lucam*, 1.

Escrituras: “A Igreja não foi imaculada desde o princípio, pois este feliz estado ultrapassa as forças da natureza”.

Este começo é, antes de tudo, aquele em que nascemos filhos de Adão, pois Adão, não podemos duvidar disto, foi criado em uma perfeita inocência. Quanto aos seus descendentes, eles têm __ pelo simples fato de seu nascimento como filhos da ira __ sua natureza viciada e decaída. Eles são manchados desde o começo e daí, segundo Santo Ambrósio, a impossibilidade para a natureza humana existir sem pecado.

Capítulo 76

O testemunho de São João Crisóstomo.

São João, bispo de Constantinopla, é igualmente citado, quando ele afirma: “o pecado não é uma substância, mas um ato mau”. E quem foi que algum dia duvidou disto?

Ele acrescenta: “Por que o pecado não é natural e, por que ele é fruto do livre arbítrio, teve que ser levantada contra ele uma Lei que o reprova e o condena”. E quem foi que algum dia negou isto?

O que estão em questão para nós são a natureza humana viciada pelo pecado e a graça de Deus, que exclusivamente pode nos curar, pela sua aplicação em nós por Jesus Cristo; graça que não precisaríamos, se nossa natureza fosse sã. Como então nosso autor ousa

sustentar que ela não é viciada, que ela se basta, com seu livre arbítrio e que ela pode não pecar?

Capítulo 77

O testemunho de São Xisto.

Sabemos que nosso autor atrai para ele a autoridade do bem-aventurado Xisto, bispo da Igreja romana e mártir do Senhor. Este pontífice teria dito: “Ao conceder o livre arbítrio aos seres humanos, Deus lhes permitiu viver sem pecado e se tornarem, assim, semelhantes a Deus”.

Ora, a obra do livre arbítrio é escutar a voz Daquele que chama, se deixar persuadir e pedir a Deus a ajuda para não pecar. Trata-se, para os seres humanos, de “tornarem-se semelhantes a Deus”.

Ora, o único meio de se tornar semelhante a Deus é através do amor derramado em nossos corações, não pela possibilidade de nossa natureza, não através do livre arbítrio que está em nós, mas pelo Espírito Santo que nos foi dado.

O mesmo mártir diz igualmente: “O templo santo a ser apresentado a Deus é a alma pura e o melhor altar a ser erguido em sua honra é um coração puro e sem pecado”. Ora, quem não sabe que, para levar um coração puro a esta perfeição e para operar essa renovação cotidiana do nosso ser mais íntimo, o meio indispensável é a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor?

São Xisto diz também: “A pessoa casta e sem pecado recebeu de Deus o poder de se tornar filho de Deus”. Chegar a este estado de pureza e inocência é o objetivo supremo que se propõem os verdadeiros cristãos, mas eles sabem que não podem atingi-lo sem a ajuda eficaz do Mediador entre Deus e os seres humanos: Jesus Cristo, Deus e humano.

Ora, o santo pontífice, dirigindo-se àqueles que teriam chegado a esse feliz estado, os lembra de que não foi por seu próprio poder que eles chegaram lá, mas pela graça que Deus lhes conferiu, pois, o que podia sua natureza viciada e depravada? Não é o que está escrito no Evangelho: *A todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*[174]?

Eles não o eram por natureza e não teriam se tornado se, com a fé em Jesus Cristo, eles não tivessem, ao mesmo tempo, recebido esse poder. Ora, esse poder pertence somente à força do amor, que só está em nós por que o Espírito Santo no-la deu.

Capítulo 78

O testemunho de São Jerônimo.

O autor cita também algumas palavras de Jerônimo, esse sacerdote venerável, tiradas de seu comentário sobre estas palavras do

[174] João 1: 12.

Evangelho: *Bem-aventurados os puros de coração, por que verão Deus!*[175]

Diz Jerônimo: "Essas pessoas são aquelas a quem a consciência não censura nenhum pecado". Ele acrescenta: "Reconhece-se aquele que é puro através da pureza de seu coração, pois o templo de Deus não pode ser maculado"[176].

Ora, se para chegar à essa perfeição na qual poderemos ver Deus com um coração puro, temos que nos esforçar, trabalhar, rezar, implorar, precisamos sobretudo da graça de Jesus Cristo Nosso Senhor.

O mesmo Padre Jerônimo diz, em outro lugar: "Deus, ao nos criar, nos dotou do livre arbítrio e não somos arrastados, necessariamente, nem ao vício e nem à virtude, pois, onde há a necessidade, não é o caso de se obter recompensa"[177].

Há um só católico que não reconheça esta verdade, não a abrace com todo coração e não admita que foi nestas condições que a natureza humana foi criada? Quando fazemos o bem, não sofremos o jugo de nenhuma necessidade, já que, então, gozamos de toda a liberdade do amor.

---

[175] Mateus 5: 8.
[176] São Jerônimo. *Comentários sobre o Evangelho de São Mateus*.
[177] *Contra Joviniano*, livro II, 3.

Capítulo 79

Qual pode ser a necessidade de pecar.

Eu retorno à doutrina do Apóstolo: *O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[178]. Por quem então o Espírito nos foi dado, se não foi por aquele que subiu ao céu, que levou cativo nosso cativeiro e que cumulou os seres humanos com seus dons[179]?

Como há em nós um tipo de necessidade de pecar, por causa dos vícios de nossa natureza e não por causa de sua própria constituição, que os seres humanos se lembrem disso e, para escapar dessa necessidade, que eles saibam dizer a Deus: *Aliviai as angústias do meu coração e livrai-me das necessidades*[180].

Esta prece já é uma luta estabelecida contra o tentador, que procura explorar contra nós a triste necessidade em que estamos. Pelo próprio esforço exigido por esta luta e, sobretudo, com a ajuda da graça de Jesus Cristo, nos afastaremos dessa infeliz necessidade de pecar e gozaremos de uma liberdade plena e completa.

---

[178] Romanos 5: 5.
[179] Cf. Efésios 4: 7 e 8. *A cada um de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Cristo, do qual se diz: "Quando subiu ao alto, levou muitos cativos e cumulou de dons os seres humanos".*
[180] Salmo 24: 17. *Tribulationes cordis mei multiplicatæ sunt : de necessitatibus meis erue me.*

Capítulo 80

Duas maneiras de evitar o pecado.

Voltemos a nós. Diz nosso autor: "Em seu livro sobre **O livre arbítrio**, o Bispo Agostinho diz o seguinte: *Qualquer que possa ser essa suposta causa da vontade, podemos ou não resistir a ela. Se não podemos, não há pecado consequente dela. Se podemos, que resistamos e seremos sem pecado. Talvez ela nos pegue de surpresa? Pois bem! Que fiquemos atentos para não sermos surpreendidos. E se a surpresa for tanta que não podemos escapar dela? Neste caso também não há pecado. Quem peca ao fazer o que não pode evitar? E, no entanto, se peca? Sim, sem dúvida, mas por que havia a possibilidade de escapar dele*".

Eu reconheço, são mesmo minhas palavras. Mas que o autor não se esqueça do que foi dito antes.

A questão que tratamos é a graça divina que nos é dada como remédio pelo soberano Mediador. Não se trata, de forma alguma, da impossibilidade da justiça.Qualquer que seja a causa que nos leva a agir, nós podemos resistir a ela e nós podemos perfeitamente.

Não é um socorro que imploramos, quando rezamos: *Não nos deixeis cair em tentação*[181]? Pediríamos esse socorro se acreditássemos poder resistir de alguma maneira? Nós podemos evitar o pecado, mas com a ajuda Daquele que não pode ser enganado.

[181] Mateus 6: 13.

É também com vistas a evitar o pecado que dizemos com toda a veracidade de nossa alma: *Perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos aqueles que nos ofenderam*[182].

Quando se trata do corpo, duas maneiras se apresentam a nós para evitarmos a doença, seja para impedir que ela aconteça, seja para curá-la quando ela nos atinge. Para impedi-la de nos atingir, dizemos: *Não nos deixeis cair em tentação*[183]. Para curá-la, dizemos: *Perdoai as nossas ofensas.*

Desta forma, podemos escapar da doença, seja quando ela nos ameaça, seja quando somos atingidos por ela.

Capítulo 81

Santo Agostinho precisa o próprio pensamento contra Pelágio.

Se ele leu meu livro sobre **O livre arbítrio**, há outros que não o leram e que, percorrendo estas páginas de nosso autor, poderiam não compreender claramente meu pensamento. Para evitar este risco, creio ter que citar também algumas passagens, convencido de que se nosso debatedor as compreendesse e desfrutasse delas, toda controvérsia cessaria instantaneamente entre nós[184].

[182] Mateus 6: 12.
[183] Mateus 6: 13.
[184] Cf. *Revisões*. Livro I, cap. 9, seção 5.

Imediatamente após as palavras que ele citou, procurando com todas as minhas forças precisar minha doutrina, eu acrescentei: "Todavia, são mencionados, nos livros divinos, atos cometidos por ignorância e, no entanto, condenados, com a obrigação de repará-los"[185].

Depois, após ter citado vários exemplos, falando da fraqueza, eu acrescentei: "Também são mencionados atos cometidos por necessidade, quando não se pode fazer o bem que se quer. De fato, o que querem dizer estas palavras: *Não faço o bem que quero; mas, o mal que odeio, isso eu faço*[186]?"

Apoiando minha proposição, acrescentei alguns outros testemunhos que fiz acompanhar desta reflexão: "Este é o clamor dos seres humanos, mas dos seres humanos originários dos condenados à morte. Todos esses problemas surgiram para os seres humanos com a sentença de morte, pois, se eles fossem o resultado de nossa natureza e não de nossa pena, eles não seriam pecados.".

Um pouco depois, eu disse o seguinte: "A única possibilidade que resta é que esta pena justa é uma consequência da condenação dos seres humanos. E, não é de se admirar que, por causa de nossa ignorância, nos falte a livre escolha da vontade para escolher agir corretamente ou que, mesmo quando entendemos o que é correto e desejamos fazê-lo, não podemos fazê-lo por causa da resistência dos hábitos carnais, que se desenvolvem quase naturalmente, por causa

[185] *O livre arbítrio*. Livro III, cap. 18, seção 51.
[186] Romanos 7: 15.

da desobediência de nossa herança mortal. É, de fato, a mais justa pena para o pecado, nós perdermos o que não desejamos usar bem, já que nós poderíamos tê-la usado bem sem a menor dificuldade, se apenas desejássemos fazê-lo; assim, nós que sabíamos o que era o certo, mas não o fizemos, perdemos o conhecimento do que era justo e nós que tínhamos o poder, mas não a vontade de agir justamente, perdemos o poder, mesmo que tenhamos a vontade.

Na verdade, todas as almas pecadoras foram afligidas com estas duas punições: a ignorância e a dificuldade. Por causa da ignorância, erros desvirtuam nossas ações; por causa da dificuldade, nossas vidas são um tormento e uma aflição. Mas, aceitar falsidades como verdades; errar involuntariamente; lutar contra a dor da servidão carnal e não ser capaz de refrear atos de desejo imoderado; estas coisas não pertencem à natureza com a qual os seres humanos foram criados; elas são as penalidades de um prisioneiro condenado. Mas, quando falamos de livre vontade para agir justamente, queremos dizer a vontade com a qual os seres humanos foram criados”[187].

Vejam agora como eu respondi àqueles que se acreditam no direito de se queixar dessa ignorância e dessa dificuldade para o bem; ignorância e dificuldade que são como vícios transmitidos pelo primeiro ser humano a toda sua posteridade: “Minha resposta é breve: deixe-os em silêncio e pare de murmurar contra Deus. Talvez suas

[187] *O livre arbítrio*. Livro III, cap. 18, seção 51 e 52.

queixas fossem justificadas se não houvesse um vitorioso sobre o erro e o desejo desenfreado. Mas, de fato, há um que está presente em toda parte e fala de muitas maneiras através da criação que o serve como a um Senhor. Ele chama aqueles que voltaram suas costas para ele e instrui aqueles que acreditam nele. Ele conforta o esperançoso, encoraja o diligente, ajuda o esforçado e ouve as preces daqueles que chamam por ele. Você não é culpado por sua ignorância involuntária, mas por que você deixa de perguntar pelo que você não sabe. Você não é culpado por não tratar de suas próprias feridas, mas por que você rejeita aqueles que querem curar você"[188].

Foi com palavras assim que eu exortei, segundo minhas possibilidades, a abraçar uma vida verdadeiramente cristã e, sobretudo, eu a apoiei na necessidade da graça, sem a qual a natureza humana, hoje mergulhada nas trevas e viciada desde sua origem, não pode ser esclarecida e nem ser curada.

De fato, tudo o que temos a fazer contra os pelagianos é não permitir que se exalte a natureza em detrimento da graça de Deus, que nos chega através de Jesus Cristo Nosso Senhor.

Dessa natureza, eu ainda disse, um pouco depois: "Usamos "natureza humana" em dois sentidos. No sentido estrito, queremos dizer a natureza com a qual os seres humanos foram criados primeiramente, uma natureza sem culpa, de acordo com seu tipo. Mas, po-

[188] *O livre arbítrio*. Livro III, cap. 19, seção 53.

demos também dizer com isso a natureza com a qual nascemos sob a pena daquele pecado: mortal, ignorante e escravizada pela carne. É neste sentido que São Paulo fala: *Pois nós fomos, por natureza, filhos da ira, como os outros*[189]"[190].

Capítulo 82

Exortação à fé, à penitência e à perfeição.

Se então queremos, através de exortações cristãs, inflamar o zelo e sacudir a preguiça das pessoas, para que elas caminhem na via da perfeição, comecemos por despertar nelas a fé que nos torna cristãos e que as submeterá ao império Daquele sem o qual não há salvação para elas.

Se elas já são cristãs, mas cristãs negligentes, incutamos nelas o terror e façamos brilhar aos seus olhos a beleza das recompensas. Lembremo-nos de exortá-las não apenas a fazer boas ações, mas também a dirigir a Deus fervorosas preces, a se instruírem na saudável doutrina e a dar graças ao céu quando resolverem dirigir suas vidas segundo as regras da fé, o que elas não podem fazer sem superar certas dificuldades.

Por outro lado, quando essas dificuldades surgirem, que elas saibam perseverar na prece e implorar, à misericórdia de Deus, a graça de se colocar prontamente em ação.

---

[189] Efésios 2:3.
[190] *O livre arbítrio*. Livro III, cap. 19, seção 54.

Contanto que elas caminhem desta forma, eu não tenho que me preocupar com o lugar ou o dia em que elas chegarão à perfeição. Basta-me saber que elas não podem começar, continuar e nem terminar a obra de sua perfeição sem *a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor*[191].

Mesmo quando elas estiverem convencidas de que não são culpadas, que elas não digam que são sem pecado, para que a verdade não deixe de estar com elas, como ela não está com aqueles que, sendo culpados, dizem que são sem pecado[192].

Capítulo 83

Deus não ordena o impossível.

A Lei é boa, contanto que se faça dela uso legítimo[193].Por isso, acreditamos firmemente que "o Deus justo e bom não pode nos ordenar o impossível". Somos informados sobre o que devemos fazer quando o preceito é fácil e o que devemos pedir quando ele é difícil.

Ora, tudo é fácil para o amor, pois o jugo é suave para aquele que não tem outro jugo além daquele de Jesus Cristo[194].

Também é dito: *Eis o amor de Deus: que guardemos seus mandamentos. E seus mandamentos não são penosos*[195]. Aquele que

---

[191] Romanos 7: 25.
[192] Cf. 1 João 1: 8.
[193] 1 Timóteo 1: 8.
[194] Cf. Mateus 11: 28-30. *Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, por que eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Por que meu jugo é suave e meu peso é leve.*

os achar muito penosos queira considerar que, se Deus nos declara que eles não o são, é por que ele sabe nos inspirar o amor pelo qual nada é muito pesado e que sabe pedir o cumprimento do que lhe é prescrito.

Este é o pensamento que está claramente expresso no Livro do Deuteronômio, pelo pouco, pelo menos, que queiramos olhá-lo sob o ponto de vista da piedade, da santidade e da fé, pois é assim que o próprio São Paulo o reproduziu, nestes termos: *A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração* (nas tuas mãos, segundo a Septuaginta, pois é no coração que estão as mãos espirituais). *Essa é a palavra da fé, que pregamos*[196].

Conforme o preceito que nos é imposto, converta-se ao Senhor seu Deus, com todo seu coração e com toda sua alma e o mandamento do Senhor não terá mais nada de pesado e de esmagador.

Um mandamento de amor pode ser pesado? Para aquele que não ama, todo preceito é um fardo que esmaga, mas, para aquele que ama, não há nada de pesado. Ora, ama, aquele que, de acordo com o aviso dado a Israel, se converte ao Senhor seu Deus com todo seu coração e com toda sua alma.

Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros[197].

Aquele que ama o seu próximo cumpriu toda a Lei[198].

---

[195] 1 João 5: 3.
[196] Romanos 10: 8.
[197] João 13: 34.

O amor é o pleno cumprimento da Lei[199].

Também é dito, sempre no mesmo sentido: "Se eles seguirem os bons caminhos, eles acharão leves as vias da justiça".

E estas outras palavras: *Conforme as palavras dos vossos lábios, segui os caminhos difíceis*[200], não provam a verdade destas duas proposições: "os caminhos de Deus são duros para o medo, mas são leves para o amor"?

Capítulo 84

Os graus do amor constituem os graus da justiça.

O amor iniciado é a justiça iniciada. O amor em progresso é a justiça em progresso. O amor desenvolvido é a justiça desenvolvida. O amor perfeito é a justiça perfeita.

Mas o amor procede *de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera*[201]. E *ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos*[202].

No entanto, eu não fico surpreso que, ao sair desta vida de amor, se chegue a uma perfeição maior ainda. Qualquer que seja ela e sem esperar que o amor atinja o grau de plenitude além do qual nenhum acréscimo é possível, eu digo que ele não é derramado em nos-

---

[198] Romanos 13: 8.
[199] Romanos 13: 10.
[200] Salmo 16: 4. *Propter verba labiorum tuorum, ego custodivi vias duras*.
[201] 1 Timóteo 1: 5.
[202] João 15: 13.

sos corações pelas forças da natureza ou da vontade humanas, mas pelo Espírito Santo que nos foi dado, para propiciar ajuda à nossa fraqueza e manter em nós a saúde.

Ora, esse amor é a graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, pertencem a eternidade e a bondade, nos séculos dos séculos. Assim Seja!

Créditos

De natura et gratia.

© 415 Aurelius Augustinus Hipponensis
© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil

Traduzido de *De la nature et de la Grace*, por Souza Campos, E. L. de
Traduzido do latim pelo Abade Burleraux *In Oeuvres complètes de Saint Augustin.* Bar-le-Duc, 1871.

Cotejado com *La naturleza y la gracia*. Tradução de Victorino Capánaga (OAR)
e
*La natura e la grazi*a.

Conteúdo

A natureza e a graça _____ 2

Introdução _____ 2

Capítulo 01 _____ 4

A justiça humana e a justiça divina. _____ 4

Capítulo 02 _____ 6

Se é possível ser justo sem a fé em Jesus Cristo, essa fé não é, de forma alguma, necessária à salvação. _____ 6

Capítulo 03 _____ 8

A natureza, criada na inocência, foi depois manchada pelo pecado. _____ 8

Capítulo 04 _____ 9

A graça gratuita. _____ 9

Capítulo 05 _____ 10

A justiça exigiu a condenação de todo o gênero humano. _ 10

Capítulo 06 _____ 11

As ousadias dos pelagianos. _____ 11

Capítulo 07 _____ 12

Distinção pelagiana entre o ser e o possível. _____ 12

Capítulo 08 _____ 12

A possibilidade do ser humano sem pecado. _____ 12

Capítulo 09 _____ 14

Aqueles que não puderam ser justificados são igualmente condenados. _____ 14

Capítulo 10 _____ 15

Quem não ouviu o nome de Jesus Cristo não pode ser justificado. _____ 15

Capítulo 11 _____ 16

Admissão velada da graça por parte de Pelágio. _____ 16

Capítulo 12 _____ 18

A graça de que falamos, não é uma graça da criação, mas uma graça da redenção._____ 18

Capítulo 13 _____ 19

Qual é o objetivo das ameaças feitas pela Lei? _____ 19

Capítulo 14 _____ 20

A reputação da doutrina de Pelágio._____ 20

Capítulo 15 _____ 21

Nem tudo foi escrito. _____ 21

Capítulo 16 _____ 22

Pelágio distorce o texto do apóstolo São Tiago._____ 22

Capítulo 17 _____ 24

Continua a explicação da passagem de São Tiago. _____ 24

Capítulo 18 _____ 26

A quem o Senhor dá a sabedoria?_____ 26

Capítulo 19 _____ 27

Os pecados da ignorância. _____ 27

Capítulo 20 _____ 28

Qual é a prece de Pelágio admite como necessária?_____ 28

Capítulo 21 _____ 29

Pelágio nega a insanidade da natureza humana._____ 29

Capítulo 22 _____ 31

Como o pecado, sem ser uma substância, pode viciar a natureza?_____ 31

Capítulo 23 _____ 33

Adão foi libertado pela misericórdia de Jesus Cristo. ____ 33

Capítulo 24 _____ 35

O pecado e o castigo pelo pecado são uma mesma coisa. _ 35

Capítulo 25 _____ 38

Deus só abandona aqueles que merecem ser abandonados. Nós somos suficientes para pecar. _____ 38

Capítulo 26 _____ 40

Jesus morreu livremente. _____ 40

Capítulo 27 _____ 41

Deus sabe tirar o bem do mal. _____ 41

Capítulo 28 _____ 42

A habilidade dos heréticos._____ 42

Capítulo 29 _____ 43

Uma comparação que mostra a necessidade da graça. ____ 43

Capítulo 30 _____ 45

Assim como uma dor cura outra dor, um pecado pode curar outro pecado._____ 45

Capítulo 31 _____ 46

O tipo de nossa cura só depende do Médico Celeste._____ 46

Capítulo 32 _____ 48

Deus algumas vezes nos abandona para nos livrar do orgulho. _____ 48

Capítulo 33 _____ 49

Nem todo pecado é um ato de orgulho. _____ 49

Capítulo 34 _____ 51

Como o pecado é obra própria do pecador. _____ 51

Capítulo 35 _____ 51

Por que Deus não nos cura imediatamente do orgulho?___ 51

Capítulo 36 _____ 53

Evitemos o orgulho até nas boas obras. _____ 53

Capítulo 37 _____ 56

Se o ser humano fosse absolutamente sem pecado, mesmo assim, ele não seria igual a Deus. _____ 56

Capítulo 38 _____ 57

Podemos dizer com toda verdade que não somos sem pecado. _____ 57

Capítulo 39 _____ 58

O Deus criador e o Deus salvador são um só. _____ 58

Capítulo 40 _____ 59

Por que alguns pecados nos são relatados pelas Escrituras. 59

Capítulo 41 _____ 60

É possível morrer sem pecado, mesmo não sendo possível viver sem pecado. _____ 60

Capítulo 41 _____ 61

A santa Virgem Maria viveu sem pecado. _____ 61

Capítulo 43 _____ 62

Por que as Escrituras não enumeraram os pecados de todos os seus personagens?_____ 62

Capítulo 44 _____ 63

As Escrituras atestam, segundo Pelágio, que Abel viveu sem pecado. _____ 63

Capítulo 45 _____ 65

Os pecados dos justos. _____ 65

Capítulo 46 _____ 67

Nada deve ser dito contra as Escrituras._____ 67

Capítulo 47 _____ 69

No que Pelágio faz consistir a necessidade da redenção operada por Jesus Cristo. _____ 69

Capítulo 48 _____ 70

Explicação de algumas palavras do Apóstolo. _____ 70

Capítulo 49 _____ 72

O ser humano pode existir sem pecado, mas com a ajuda da graça._____ 72

Capítulo 50 _____ 74

Deus não ordena o impossível._____ 74

Capítulo 51 _____ 75

Sem a fé em Cristo não há libertação do pecado._____ 75

Capítulo 52 _____ 75

A ambiguidade de Pelágio._____ 75

Capítulo 53 _____ 77

Outras comparações e argumentos de Pelágio._____ 77

Capítulo 54 _____ 78

A necessidade se concilia com o livre arbítrio da vontade. 78

Capítulo 55 _____ 79

A vontade humana influencia até mesmo o campo da necessidade natural. _____ 79

Capítulo 56 _____ 81

A ajuda da graça na integridade da natureza. _____ 81

Capítulo 57 _____ 82

Com as pernas quebradas não se pode caminhar._____ 82

Capítulo 58 _____ 84

Os santos e os justos resistem à graça. _____ 84

Capítulo 59 _____ 85

Para Pelágio a graça é a possibilidade natural de não pecar, implantada por Deus no ser humano. _____ 85

Capítulo 60 _____ 87

Pelágio diferencia as naturezas dos batizados e dos não batizados. _____ 87

Capítulo 61 _____ 89

A carne é contrária até aos batizados._____ 89

Capítulo 62 _____ 90

Não se deve confundir a graça da criação com a graça da redenção._____ 90

Capítulo 63 _____ 92

Deus criou a carne e o espírito para que vivessem num belo equilíbrio. _____ 92

Capítulo 64 _____ 94

A contradição deveria levar Pelágio a reconhecer a graça. 94

Capítulo 65 _____ 96

O corpo de morte. _____ 96

Capítulo 66 _____ 99

A graça é necessária a todos, batizados ou não batizados. _ 99

Capítulo 67 _____ 99

Quem é aquele que está sob a Lei? _____ 99

Capítulo 68 _____ 101

Entre os católicos e os pelagianos está o grande muro da oração._____ 101

Capítulo 69 _____ 103

O equivocado silêncio de Pelágio sobre a graça. _____ 103

Capítulo 70 _____ 104

Existe uma só pessoa sobre a terra que seja sem pecado? 104

Capítulo 71 _____ 105

Os pelagianos descaracterizam em seu favor o pensamento dos escritores cristãos. _____ 105

Capítulo 72 _____ 107

O testemunho de Santo Hilário. _____ 107

Capítulo 73 _____ 109

Ainda sobre o testemunho de Santo Hilário. _____ 109

Capítulo 74 _____ 111

Os testemunhos de Santo Ambrósio. _____ 111

Capítulo 75 _____ 112

Outro testemunho de Santo Ambrósio utilizável contra Pelágio. _____ 112

Capítulo 76 _____ 114

O testemunho de São João Crisóstomo. _____ 114

Capítulo 77 _____ 115

O testemunho de São Xisto. _____ 115

Capítulo 78 _____ 116

O testemunho de São Jerônimo. _____ 116

Capítulo 79 _____ 118

Qual pode ser a necessidade de pecar. _____ 118

Capítulo 80 _____ 119

Duas maneiras de evitar o pecado. _____ 119

Capítulo 81 _____ 120

Santo Agostinho precisa o próprio pensamento contra Pelágio. _____ 120

Capítulo 82 _____ 124

Exortação à fé, à penitência e à perfeição. _____ 124

Capítulo 83 _____ 125

Deus não ordena o impossível. _____ 125

Capítulo 84 _____ 127

Os graus do amor constituem os graus da justiça. _____ 127

Créditos _____ 129
Conteúdo _____ 130